

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual e conter a indicação de fonte conforme abaixo:

GLÓRIA, Kléber Gonçalves. Kléber Gonçalves Glória (depoimento, 2020). Belo Horizonte, Centro de Memória do IFMG/Pró-Reitoria de Extensão do IFMG, 2022, 58p. (3h14min).

**Entrevista com Kléber Gonçalves Glória (professor e reitor do IFMG durante o segundo mandato), realizada dia 14 de agosto de 2020, cedida ao Centro de Memória do IFMG para fins de pesquisa sobre a institucionalização dos Institutos Federais e constituição do IFMG. A entrevista foi conduzida pelos entrevistadores Douglas Biagio Puglia e Denis Pereira Tavares que construíram o roteiro de perguntas. E estiveram presentes também Pablo Menezes e Oliveira e Livia Serretti Azzi Fuccio. Esta entrevista foi transcrita e revisada pelos bolsistas PIBEX Mariana Gonçalves e Tiago Magalhães. E a revisão final ficou a cargo do bolsista Denis Pereira Tavares. Para a gravação da entrevista, usamos a ferramenta do Google Meet.**

**Douglas:** Eu, Douglas, gostaria de agradecer em nome de toda a equipe do Centro de Memória do IFMG por você ter sido bastante solícito ao nosso pedido de entrevista, inclusive vai ser a nossa primeira entrevista. Inclusive, esclarecer também que o Centro de Memória do IFMG é uma iniciativa nova, que está contando, além de mim, com o Denis, a Livia, o professor Pablo e o professor Flávio, e a nossa ideia é entender um pouco e fazer a memória institucional do IFMG, o nosso interesse é justamente em relação à memória, em relação à história, entender esses acontecimentos aí desde o final do ano de 2008 quando é fundado, mas vamos ir conversando. E por último, antes de começar nossa entrevista gostaria de saber se você concorda, deixando claro que vamos enviar a entrevista transcrita para você com tudo que você disse para você ler. Mas se você concorda na cessão de imagem, pois temos o nosso Portal onde nós vamos colocar trechos da entrevista e depois até disponibilizar a entrevista como um todo para futuros pesquisadores.

**Kléber:** Com certeza! Quero parabenizar pela iniciativa, autorizo a cessão de imagem, sim. Tem que fazer as imagens serem as melhores, né! [risos] Brincadeiras a parte, está totalmente autorizado. [ risos]

**Douglas:** Tranquilo. Só para deixar claro que pode ter participação, mas a entrevista deve ser conduzida por mim e pelo Denis . Tá ótimo? Então, muito obrigado de novo. Denis, por favor!

**Denis:** Oi Kléber, boa tarde! Muito obrigado aí pela sua disponibilidade de tá, né, cedendo, fazendo, realizando essa entrevista aí. Pra gente aqui do Centro de Memória, com certeza vai ser muito produtivo para a gente poder conversar com você hoje. Você pode ficar à vontade, né, a gente... vai ser uma espécie de conversa mesmo, onde no caso a gente está aqui para mais ouvir alguns casos, ouvir a sua longa experiência na instituição do IFMG, e aí a gente quer percorrer essa história da instituição, mas também inevitavelmente a sua própria história, a sua própria carreira, que você tem, seja aí como professor do IFMG, da Escola Agrotécnica de São João Evangelista, seja a sua longa experiência ocupando cargos técnicos, também, né, como chefe de departamento, diretor geral , reitor agora, né. Então, a gente quer percorrer isso, e te entrevistar vai ser muito interessante exatamente por essa longa data e longa experiência que você tem na instituição, e na instituição escolar, né. Você consegue perceber o antes, o que era uma instituição, e o depois, a formação aí de uma identidade institucional que é a do IFMG . Uma primeira questão, Kléber, que eu queria colocar para você é que você falasse um pouco como que foi aí a sua trajetória de formação como é que ela foi até a sua entrada no seu curso de letras e depois o ingresso na Instituição Agrotécnica de São João Evangelista e depois também, né, o seu ingresso na Instituição do IFMG, essa transição.

**Kléber:** Denis, obrigado aí, né, novamente pela oportunidade de estar falando um pouco sobre a minha vida e a minha trajetória aqui na instituição. Caso eu tenha... vocês tenham a total liberdade de que se caso eu seja um pouco prolixo ou um tanto conciso, vocês vão me dando as coordenadas aí a gente vai se adaptando, tá bom? Bem, é importante Douglas e Denis eu colocar que na verdade o meu início, ingresso na instituição foi bem antes da minha formação em letras. Então, se eu puder iniciar meus primeiros contatos, as minhas raízes, poderia facilitar o entendimento da história. Eu sou natural de Governador Valadares, meu

pai quando eu estava com nove anos, nós mudamos para São João Evangelista. Eu estudei na escola local de lá, a escola Josefina Pimenta, e lá a gente fazia um processo seletivo que ainda existe para assim passar para a então chamada na época Escola Agrícola de São João Evangelista. Estava na antiga oitava série quando fui aprovado. Me lembro até hoje que eu passei em sétimo lugar no curso técnico em agropecuária e assim meus dois irmãos já haviam estudado na escola que é um referência desde aquela época. Eles se formaram na primeira turma de técnico em 1980, eu ingressei no ano seguinte em 1981 e concluí esse curso de técnico em agropecuária em 1983. Neste mesmo ano, no final do ano teve um concurso, início de dezembro, naquela época a gente já conseguia estar formado na terceira série do curso técnico, eu fiz um concurso para assistente em administração. Fui aprovado, o resultado me parece que saiu em fevereiro e quando foi, comecei os trabalhos que me lembro no dia 30 de abril de 1984. Só que como eu estava em casa ainda ajudando meu pai que era um topógrafo em uma cidade vizinha lá, em Gonzaga. Apareceu uma oportunidade de eu estagiar lá na escola até eu ser nomeado como assistente administrativo. Então eu comecei no dia 30 de abril em uma sexta-feira e fiquei até dia 06 de julho sem remuneração, quando então no dia 12 de julho de 84 fui nomeado oficialmente como técnico administrativo.

[Queda da conexão do Google Meet]

**Denis:** continuando a pergunta, então a sua trajetória com a instituição vem desde aluno e depois você passou para um cargo administrativo, é isso?

**Kléber:** Exatamente Denis, meu primeiro contato como estudante no curso técnico em agropecuária e depois como assistente de administração no concurso que eu passei em 84. Dando sequência, eu após aprovado no concurso, eu comecei o curso de letras lá na faculdade em Caratinga na UNEC, onde me formei no ano de 1988. Posteriormente, fiz algumas especializações que não sei os números, mas fiz umas 5, umas em Governador Valadares, na UFLA... Mas, assim, antes de chegar ao mestrado que eu vou chegar lá ainda. Mas, nesse período entre 1988 até 1992 foi quando eu fiz um concurso para professor da antiga Escola Agrotécnica de Salinas. Não, São João Evangelista, na época em que eu trabalhava não tinha vaga para minha área de língua portuguesa, então eu fiz pra Salinas junto com meu amigo que trabalha em São João até hoje, o professor Roberto Carlos, que inclusive a trajetória é

muito parecida com a minha, desde o início do quarto ano primário, então foi muito parecida a nossa trajetória. Professor Roberto, até Douglas conhece, é uma pessoa muito querida e está lá na escola ainda. Então, recordando de onde eu parei, fiz o concurso para Salinas junto com o Roberto, onde ele passou em primeiro e eu em segundo. E, na verdade, o segundo colocado iria para São João Evangelista. Mas como a gente era e somos muitos amigos, mas como o Roberto Carlos estava prestes a casar, eu cedi e falei com ele que podia deixar: “eu vou para Salinas e você fica em São João Evangelista”. Então eu fiquei lá durante um ano e consegui a redistribuição para São João Evangelista. Então de 1993 para frente fui para servidor do quadro em São João Evangelista e nunca mais sai do IFMG. Então, essa trajetória até eu me formar docente do Campus São João Evangelista... Um período compreendido entre 1993 até 1999 foi onde eu dava aula para todas as turmas dos cursos técnicos de São João Evangelista, eram apenas três cursos na época: Técnico em Agropecuária, Técnico em Economia Doméstica e Técnico em Informática e eu dava aula de literatura e conseguia dar essas aulas. É bom a gente relembrar e fazer algumas comparações, até porque o mundo evolui bastante, mas teve épocas de eu dar 53 aulas.

**Douglas:** Nossa!

**Kléber:** Mas é porque eu dava aula no Estado também, então eu dava aula lá na escola, 36 aulas na escola e mais 17 no estado. Me lembro desse período, era à noite. Mas esse período que eu dei essas 36 aulas eu dava aula para todas as turmas, conhecia todos os estudantes, já tinha sido técnico administrativo, tinha um bom contato com a gestão. Conhecia também uma outra instituição que era a de Salinas. Então, em 1998, beirando 1999, a comunidade e alguns amigos me incentivaram a ser candidato a diretor geral do campus, mas foi devido a esse relacionamento com todos os estudantes e tudo mais, eu acabei saindo como candidato pela primeira vez, diretor geral do Campus. Naquela época havia lista tríplice, como está para retornar agora recentemente aqui para os institutos. E aí eu fui eleito, que foi uma época em que eu obtive mais votos, foi impressionante, até pelo contato com os alunos onde eu tive, mais de 90% dos votos dos estudantes. Eram trezentos e pouco ou quatrocentos e poucos alunos na época, e os técnicos administrativos, como eu já havia sido técnico também, já era docente, então foi avassalador mesmo a consulta naquele primeiro momento. Fui eleito. Mas, infelizmente, como tá na lista tríplice, eu não fui nomeado, foi nomeado o segundo colocado,

o professor Marcos que foi assim o diretor geral por 4 anos seguintes e que me convidou para ser o vice-diretor dele, que na época não se chamava vice, se chamava diretor geral de departamento de administração. No de 1999, em uma crise financeira nas instituições, gente, na época o governo FHC, incrível, dali para mim foi realmente uma escola de como administrar sem recurso algum. Eu me lembro que era 300 mil reais para gente tocar do mês de agosto para frente toda a instituição, uma escola fazenda. Passamos um sufoco muito grande. Eu como responsável pelo departamento de administração, fiquei por um ano como diretor, aí o professor Marcos entendeu que eu deveria ir como diretor de ensino e aí eu passei os três anos seguintes a ser o diretor de ensino da instituição, trocando com o professor Euber que passou a ser o diretor de administração naquela época. Bem, passados esses quatro anos, no ano de 2003, ano de eleição, tornei a me candidatar com a professora Cláudia, também tem a trajetória muito parecida com a minha. Maria, que é outra que tem uma trajetória muito parecida comigo, também foi minha colega de escola, eu e Roberto Carlos e ela temos uma trajetória muito parecida. E ela candidatou comigo, concorremos juntos e dessa vez fui eleito diretor geral, e já era o presidente Lula em 2003 e já havia a previsão de respeitar a lista, então eu fui nomeado diretor geral do campus pela primeira vez, em 2003. Passados 4 anos, novamente candidato a diretor geral, em 2007, e aí também reeleito. Em 2007, né, olha para você ver, não me recordo aqui mas me parece que era a professora Cláudia de novo que se candidatou comigo e eu fui reeleito. Passado esse período começamos então a propor a transformação da então Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista em um CEFET, isso já estava na minha proposta de 2007, já tinha essa possibilidade, e a gente conseguiu em 2008 avaliadores do MEC e do INEP estarem presentes nas instituições, no início de 2008, assim como teve outras agrotécnicas na época, me lembro de Uberaba, Salinas, de tantas outras, de Machado, Inconfidentes, e aí eu já tracei uma relação muito próxima com os diretores de agrotécnicas do Brasil inteiro, inclusive eu fui da diretoria do CONEAF [Conselho Nacional das Escolas Agrotécnicas Federais]. Então a gente conseguiu do MEC, em 2008, aprovação da transformação da Escola Agrotécnica em CEFET, já tinha até o documento formal e tudo. Mas justamente naquele ano, foi o ano que o Fernando Haddad estava como Ministro da Educação e trouxe como projeto os institutos que começaram as transformações... dos institutos... tanto CEFET quanto as agrotécnicas, que foi um processo até que foi aberto de adesão e tudo mais, formalmente dito de adesão. E aí nós optamos como instituição, tanto as agrotécnicas quanto dos CEFET's, que em grande maioria foi o CEFET, exceto o CEFET/Belo Horizonte, em Minas, e o CEFET do Rio, optaram pelo projeto de Instituto. Então nós pulamos de Escola Agrotécnica para Instituto e não passamos

para ser CEFET. Foi um ponto positivo, né, mas, por outro lado, ao entrarmos como escola agrotécnicas, nós entramos para um quadro que a gente vê hoje, que é o quadro do campus São João Evangelista, com menos cargos e funções do que os CEFET's, como os de Ouro Preto e Bambuí que já tinham sido transformados em CEFET. Então essa é a história, porque às vezes as pessoas não entendem do porquê que o campus São João que começou junto com Bambuí e Ouro Preto não tem as mesmas funções, então tem todo esse contexto aí. Mas essa história, pra se chegar até Instituto e IFMG, ela é muito longa, muitas reuniões, muitas discussões, muitas proposições, divergências de ideias, de contexto, das quais eu participei... Mas espero que vocês escutem também as versões que tem que ouvir dos que aqui tiveram antes de mim, do professor Caio, foi fundamental, o professor Flávio que foi diretor do CEFET/Bambuí, tiveram outras pessoas, né, professor José Roberto, tiveram muitas, muitas né, fica difícil a gente citar nomes aqui mas é uma história longa. Eu, a princípio, seria o reitor do Instituto que seria junto com as Agrotécnicas: Machado, Muzambinho e Inconfidentes, e São João Evangelista. É uma proposição que eles queriam fazer para que tivesse só as agrotécnicas, pelo perfil, que a gente era muito próximo, mas de amizade mesmo, talvez, e queriam que eu fosse o reitor do pessoal do Sul de Minas. Na época eu sempre levava as discussões, a gente levava para os servidores, técnicos e docentes e apresentava o que aparecia para nós como proposta, então apareceu essa proposta, como apareceu também a proposta de estarmos no Norte de Minas juntamente com a Escola Agrotécnicas de Salinas e o CEFET de Januária, que foi uma opção possível que a gente pensou na época, só que aí a reitoria seria em Montes Claros. E essa do Sul de Minas, o grande dificultador para nós foi o fato da reitoria ser em Pouso Alegre. Eles me queriam como reitor, mas não abriam mão da reitoria ser em Pouso Alegre, e a minha comunidade achava que tinha que ser uma coisa mais central, mais em Belo Horizonte. E aí é importante relembrar isso, que foi quando o professor Caio me ligou, e não só ele, assim como o professor Gleisson [Gleisson Cardoso Rubin] e depois o próprio Ministro, mas ele não chegou a conversar comigo, mas o assessor do Ministro da Educação da época me falou da proposta de ter uma reitoria em Belo Horizonte. Nós não teríamos reitoria nas capitais, mas apareceu a proposta em Belo Horizonte, e eu lembro do Gleisson falando assim: “olha Kléber, pra você aceitar ser um reitor, um de vocês, com o único Instituto com o nome do Estado porque está na capital.” E eu levei essa proposta pra comunidade e já sabendo de antemão que o professor Caio já tinha brigado com os parlamentares e tudo mais, brigado em um bom sentido, né, no sentido de ter esse Instituto em Minas, então ele obviamente queria ser o reitor, né. E levamos para a comunidade e a comunidade entendeu que era mais

prudente, sim, apesar de estar em uma instituição diferente da nossa, porque a nossa é de origem agrícola, mas somaria muito. No início teve uma série de divergências entre os diretores de Ouro Preto, professor Caio, o professor Flávio [de Bambuí] e o ministro, onde o professor Flávio queria a reitoria em Divinópolis. Nós fomos em Brasília, em uma reunião onde o professor Neimar foi representando Bambuí, o professor Arthur representando Ouro Preto e eu São João Evangelista, nós fomos discutir onde seria e como a gente faria essa instituição e aí lá foi onde começou a divergência, porque o pessoal de Bambuí queria em Divinópolis; Ouro Preto queria em Ouro Preto ou em Belo Horizonte, e eu entrei em defesa de ser em Belo Horizonte. A partir de então foi reportado ao professor Caio, que a partir de aí eu fui muito bem recebido pelo pessoal de Ouro Preto, né, tendo em vista que eu defendia o fato da reitoria ser em Belo Horizonte. E a partir de então o professor Flávio passou a não ser muito das ideias dessa reitoria ser em Divinópolis, e foi uma dificuldade que eu intermediei junto ao professor Caio pra que pudéssemos aceitar Bambuí como participante do nosso instituto. E aí, depois disso, nós fizemos reuniões em São João Evangelista nas quais ficou definida as distribuições de até mesmo como é que seria a composição das equipes, indicações dos cargos, pró-reitores, diretorias... Eu me lembro, eu indiquei na época quando nós fizemos a reunião final em Ouro Preto, eu preferi levar apenas duas indicações de pró-reitores, Bambuí decidiu levar dois pró-reitores e mais alguns diretores. Ele indicou... é o Caio, como nós havíamos combinado, quando eu assinei autorizando, o Flávio também, de que o Caio podia ser o reitor desde que fosse de comum divisão entre os cargos e todas as conversas. Mas chegando em Belo Horizonte, eu indiquei então o professor Edimar, que hoje é o diretor de Ensino de São João Evangelista, como um dos pró-reitores e indiquei o professor Dilson, ele faleceu, inclusive no início dos institutos ele tava trabalhando, ele tava trabalhando aqui como pró-reitor e veio a ter um tumor cerebral e veio a falecer. Mas fiz essas indicações em Ouro Preto, que foram atendidas pelo professor Caio, foram, sim. Depois, o professor Flávio indicou a participação do Neimar, professor Oiti e professor Alexandre Pimenta. Tem uma equipe boa de Bambuí que veio compor, até maior que a de São João, até por uma opção que eu fiz ali na hora da reunião e deixei para frente, só que em deixar para frente depois eu não consegui muita coisa, não. Porque aí começaram algumas questões que a gente, com todo respeito a pessoa do professor Caio, a gente começou a divergir, algumas questões como, em janeiro, assim que ele foi nomeado reitor, ele me ligou e disse assim: “ô Kléber, preciso agora que você mande os seus dois pró-reitores para começar agora e eu preciso que o seu procurador esteja aqui”, e entre outras coisas e eu, e aí eu fui pego de surpresa e eu falei: “Caio eles estão de férias já e tudo”. Então aí começaram

algumas questões que foram fechando as portas e aí a gente foi tentando minimizar isso, mas ao longo da gestão a gente percebeu uma gestão que era divergente daquilo que eu propunha e acabei surgindo como uma certa oposição porque aquilo, eu não entendia que estava certo com aquilo na forma de gerir como a composição de cargos, de nomeações, de destinação de recursos; precisavam ser melhor compartilhadas entre as instituições que foram criadas. Acho que é isso basicamente, é um histórico aqui, mas posso ir complementando, né, e, assim, todo respeito e consideração que eu tenho por todos, todos tiveram a sua importância por mais divergente que eu tenha sido dessa composição, é óbvio que foi importantíssimo o trabalho do professor Caio na formação do instituto, até ressaltar isso aqui.

**Douglas:** Sim, não, ô Kléber você pode ficar tranquilo nas suas respostas. Você comentou né, você comentou que começou a sua carreira passando pela questão de aluno, técnico administrativo, docente, e você falou até mais ou menos 2003. Aliás 2003, mais ou menos, é a primeira vez que você vai ser diretor, depois você é reeleito. Do fim da sua eleição, só para a gente completar até chegar nos dias de hoje, você reitor.

**Kléber:** Correto.

**Douglas:** Aí eu queria só que você falasse um pouquinho para a gente desse período do fim do seu segundo mandato... do seu interesse. De certa forma, você já falou um pouco do seu interesse pela reitoria, mas enfim do seu interesse pela reitoria e como nós chegamos aos dias de hoje, vamos dizer assim.

**Kléber:** Tá ok. Então vamos lá Douglas. Então vamos lembrar. Então, eu sendo reeleito em 2007, né, candidatando igual eu fui, deu um branco lá, mas foi com a professora Cláudia mesmo. Eu, aí é aquele final, né, aquele período que teve lá da avaliação do INEP que a gente tava lá com a perspectiva de transformação em CEFET, que eu mencionei, e aí como eu já estava a mais de cinco anos, como eu tinha sido reeleito, já estava a mais de cinco anos como diretor, então eu já tinha um conhecimento da rede, do MEC, né, com os diretores de agrotécnicas e mesmo de CEFET, que a gente reunia às vezes junto com eles. Eu me julgava, né, na condição de ser o reitor, mas o professor Caio ele tinha, né, ele tinha sido diretor, era o

primeiro mandato dele, mas também tinha, óbvio, a condição de ser o reitor e talvez não tivesse ainda toda aquela experiência que eu já tinha naquele momento, mas como ele era professor a mais tempo no campus e tudo mais e a gente sentiu que haveria uma certa disputa por essa indicação como reitor. É óbvio que eu quis ser o primeiro reitor do Instituto, mas não foi uma questão que eu, né, porque se eu tivesse falado: “eu quero é ser o reitor”, eu teria ido para o sul de Minas que lá eu já estava assegurado, mas não é isso a gente pensou na instituição, e eu percebi que a gente tinha que reconhecer o mérito do Caio que na verdade através dos parlamentares, foi ele que também brigou mais do que eu, porque eu não sou lá, não sou muito assim de partido de política, de correr. Eu tenho uma boa relação com diversos deputados que me auxiliam aí, a gente vê que o IFMG de novo foi o que mais recebeu emendas de bancadas e tudo mais, mas eu não tenho essa ligação: “olha tal deputado é assim, e tem alguns que tem, seja respeitado isso aí”. Então, o mérito do pessoal do Caio naquela época, então ele conseguiu com aval nosso vir a ser o primeiro reitor. Mas, eu tinha, sim, uma expectativa nossa de ser, assim, num consenso, o reitor do IFMG. E até pela forma como eu entendia que podia ser administrado o IFMG ao longo aí dessa gestão de início do professor Caio, eu fui percebendo que não era tão compartilhada a gestão e fui surgindo como um possível candidato. As pessoas já me conheciam e eu me candidatei pela primeira vez em 2011, nem dois anos de criação do Instituto. Nesse período Douglas, nós começamos, vamos lembrar com três hierarquias, né, CEFET/Ouro Preto, CEFET/BambuÍ e São João Evangelista. Mas tinha duas outras UNED’s (Unidade de Ensino Descentralizado) que eram Congonhas, que pertencia a Ouro Preto, e Formiga, que pertencia a Bambuí, e essas duas unidades também tinham diretores lá; na época de Congonhas era o professor Eleonardo, e em Formiga era o professor Robson. Então, Eleonardo, indicado pelo Caio, diretor do CEFET de Ouro Preto, e Robson indicado pelo professor Flávio Godinho lá de Bambuí. Foi essa aqui que iniciou... esses cinco campus iniciaram o instituto e posteriormente veio Governador Valadares e foi ampliando, e hoje temos 18 *campi* em pelo menos quatro grandes regiões. Isso cabe relembrar aí os *campi* que a gente tem hoje, então nós temos aí lá de São João Evangelista do qual foi oriundo o campus de Governador Valadares e o campus avançado de Ipatinga; na região Centro-oeste, Bambuí, Formiga, Piumhi (campus avançados); na região dos Inconfidentes nós temos Ouro Preto, Ouro Branco e Congonhas e mais três campus avançados que são Conselheiro Lafaiete, Ponte Nova e Itabirito; e, por último, na região metropolitana que nós temos, além da reitoria, o campus mais novo, Ibirité, Ribeirão das Neves, Betim, Sabará e Santa Luzia, e um pólo de inovação que a gente tem também. Então, na verdade a gente tem 20 unidades, mais de 20 mil estudantes, então o histórico aí é de

sucesso do IFMG. E muitas pessoas fizeram, não só a gente, cita aí talvez os reitores, diretores, mas a história do IFMG é muito bonita gente, muito bacana, os professores, os estudantes, tantas pessoas importantes que passaram aqui que até arrepio aqui de falar, é parte da minha vida.

**Denis:** Ô Kléber, eu queria, tá, eu vou ainda... em relação à sua formação, você passou aí por vários cargos, desde assistente administrativo a professor, passou também pelas funções de gestão dentro da instituição, eu queria saber do seu interesse pela gestão como que ele aconteceu? Se foi um processo natural, assim, que foi ocorrendo, como que aconteceu ao certo, e se, né, e se nesse processo teve um choque, um conflito ou como que foi a sua percepção de Kléber professor, que era aí, é, quase que abarrotado pela quantidade de aulas, para essa transição de Kléber gestor, é, administrador, ou essas coisas aí se juntam, como que foi essa sua percepção?

**Kléber:** Pois é, Denis, bacana, você estava perguntando aí e eu tentando imaginar aqui, tentando fazer um... lá atrás de onde veio isso, né. Eu me lembro que quando eu, desde assistente administrativo, a gente começa e eu sempre fui um cara muito ansioso, talvez esse probleminha que eu tive se deve a isso, eu estou em casa, eu estou aqui eu tento ir lá lavar vasilha, tento fazer alguma coisa, se eu tenho espaço, tenho preencher. Isso é uma característica minha, eu sempre fui assim, eu quando eu estudava, eu trabalhava até tarde da noite. Então, eu tenho que estar na gestão. Esses quatro anos que eu estive fora da gestão e eu voltei a ser paraninfo, a ser patrono, então eu gosto de estar na sala de aula, eu gosto dos estudantes, mas, eu realmente, eu achei que meu tempo, eu tinha que ter mais tempo para produzir, eu dava apenas 16 aulas no período de 2007 a 2011, era a média disso aí. 2007 a 2011, não agora esse período de 2011 a 2015. E eu achava isso muito pouco, então, assim, eu tenho que estar sempre produzindo, então, o que isso tem a ver com a posição de assistente de administração, quando eu entrei para assistente de administração, eu entrei, na época chamava setor de pessoa, gestão de pessoal, eu já entrei já fazendo aposentadoria de pessoa, processo de aposentadoria, folha de pagamento. Na época de papel carbono, máquina datilográfica, então a gente ficava lá fechando o ano, na instituição tinha que fechar o ano. E aí, se você errava, você tinha que começar de novo. Às vezes saía duas horas da manhã, naquela lagoa lá em São João na época de frio, junho ali... Fazendo o serviço burocrático, aí

acabava o serviço, às vezes no fim do mês tava pesado essa questão de gestão, eu pensava: “eu tenho que fazer algo mais para aprender outro serviço”, aí eu ia para o setor financeiro. Depois eu fui para os serviços gerais e aí, assim, eu percorri todos os setores administrativos, quase todos, finalizei na secretaria escolar. Mas eram serviços gerais, cooperativa, vários, material e patrimônio... Então, durante 8 anos como administrativo eu percorri quase, exceto biblioteca, talvez um ou outro setor que eu não rodei, mas como administração eu rodei, permite essa flexibilidade que você roda bastante. Então, esse foi o primeiro passo, aí complementado a isso, eu fiz a docência, o curso de licenciatura, aí fiz o concurso para Salinas, fui para Salinas e estava habituado a essa questão administrativa em São João. Inclusive em São João, quando eu fui para a secretaria, eu ajudava o pessoal, ajudava a professora Elizabete e era o braço direito dela, questão de horários, distribuição lá, né, que a gente fazia para os professores também. E aí eu fui para Salinas já com experiência pequena, da mesma forma como eu já estava longe, meu pai estava doente, foi difícil, eu até devo essa questão de apoio ao professor Roberto Carlos, mas eu estava noivo também, e aí eu falei: “gente, eu tenho que passar meu tempo aqui”. E o que eu fazia, eu ia para escola, ficava lá final de semana, sábado e domingo e encontrava... eu tinha um professor lá que ele era mais velho e o povo chamava ele até de general, ele era carrasco, mas eu realmente gostava muito dele, professor Eurico, e ele ficava na escola 24h, e aí a gente se encontrava lá e eu ia nos setores, às vezes ajudava nos setores lá porque eu fui aluno também e a gente batia papo. Então, assim eu rodava, lá em Salinas eu fiz a mesma coisa, eu era professor de língua portuguesa, eu fui coordenador de artes, nessa época para mim foi um absurdo, mas eu fiz algumas coisinhas lá. Depois rodava ainda nos setores ajudando, especialmente na faixa pedagógica, então aí, por esse perfil de não conseguir parar quieto, eu acho que isso despertava em mim um conhecimento e uma vontade de querer produzir algo mais. Quando retornei para São João eu já voltei com essa possibilidade, confesso que eu já voltei pensando, eu já voltei assim com uma outra visão. Assim, eu acho que em 95 teve o professor Hércules, saiu, entrou o professor Lourenço. Como professor e é óbvio que eu não tinha nem dois anos, e eu falei: “jamais que eu vou”. Na época também não tinha nem eleição, nem conselho, aí o professor Lourenço entrou como diretor geral, e ele era o substituto do professor Hércules na época porque o Hércules veio a ser prefeito anteriormente em São João Evangelista. Então eu esperei os quatro anos e após a saída do professor Lourenço é que surgiu essa... foi crescendo a minha possibilidade como candidato a diretor geral. Então, eu acho que tenha sido isso, Denis, a minha... o fato de conhecer e ter o interesse de demonstrar

para a instituição todo o meu trabalho e transformar a instituição em uma instituição melhor. Talvez tenha sido isso.

**Douglas:** Continuando aqui então Kléber. Na sua opinião, para você o que é o IFMG, como você definiria o Instituto Federal de Minas Gerais? E qual seria um projeto institucional seu para o IFMG?

**Kléber:** Muito bem Denis. Bem o Denis, primeiro é importante a gente lembrar, porque fica parecendo um chavão, né, porque o IFMG quem faz são as pessoas, mas eu acho que toda instituição, a gente tem que lembrar disso mesmo que fique parecendo ser um chavão, que fique parecendo o que for, somos nós que fazemos a cara do que a gente quer para nossa vida e para a instituição que a gente trabalha. Que é fundamental, óbvio, que o gestor que esteja à frente, que ele tenha uma visão humana, que ele tenha uma visão da importância da educação como uma transformação da população como um todo e dos seres humanos, agora, não só ele, mas as pessoas que ele coloca para trabalhar junto com ele, então acho que isso que é o importante. Olha, eu acho que a gente tem que ter noção do que que a gente quer para o IFMG. O que eu prego: uma instituição... que seja uma instituição que propicie as pessoas mais felizes, e que possa diminuir as desigualdades. Eu acho que isso não só para aqueles que são diretamente afetados, diretamente relacionados, por exemplo, seus estudantes e servidores, mas também a comunidade que faz uso dos trabalhos da instituição, ou seja, a penetração do IFMG. Ela é muito grande, você tem aqui 19 municípios, fora o retorno de todas aquelas tecnologias, de todas aquelas práticas que aquela instituição leva para a região, então, assim, é um fator de transformação fundamental da sociedade, é essa visão que a gente tem que ter enquanto participante, enquanto gestor do IFMG. Nosso papel é fundamental, dependendo da forma como a gente age, uma palavra, uma decisão nossa ela impacta não só os familiares dos nossos servidores e dos nossos estudantes, mas impacta uma economia local, impacta em muitas questões, então é fundamental a gente ter isso em vista. Então, na linha da segunda questão que você coloca aí, o que que a gente pensa para o IFMG, primeiro é o seguinte, primeiro é reconhecer que houve um avanço muito grande com a transformação das antigas escolas agrotécnicas, antigos CEFETs, em institutos, então acho assim, acho que nenhum do melhor dos otimistas poderia pensar que estaria hoje transformando em uma instituição tão grande e tão importante para a sociedade, mas ainda assim a gente precisa

avançar muito, a gente precisa avançar enquanto instituição, enquanto IFMG, e para isso o fundamental hoje no segundo mandato meu, eu estou propondo mais da gente focar muito mais nas nossas atividades fins, assim como eu fiz na época de diretor do campus de São João Evangelista. Foi até bom eu ter entrado como diretor do Departamento de Administração que eu conheci melhor a parte estrutural e burocrática e depois eu fui para o ensino, que para mim é a parte mais importante, óbvio, da instituição. Assim é o paralelo que eu faço com a minha gestão, no primeiro mandato meu como reitor, eu me preocupei mais com a parte administrativa para poder diminuir toda aquelas... porque, assim, com todo.. assim, com muito cuidado ao falar isso, mas a gente entrou no IFMG em uma situação muito complexa, de muitas questões assim que precisavam ser normatizadas, regras bem feitas, e isso eu me preocupei no primeiro mandato. Agora nesse segundo mandato, eu acho que a instituição precisa é disso, eu acho que ela precisa de avançar muito mais no ensino, pesquisa e extensão. A princípio, é óbvio, uma das coisas que a gente precisa muito mais, que a gente fez agora também, até pelo quantitativo de cargos, que foi o quê, ao refazer o organograma no segundo mandato, eu fiz um enxugamento das atividades-meio, muito grande, ressentiram-se muito a Pró-Reitoria de Educação, a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, e com isso eu ampliei um pouco mais as reitorias de ensino, pesquisa e extensão. Talvez, igual o próprio Pablo que esteve aqui com a gente na pós-graduação, e eu agradeço muito, e ainda está com a gente aqui, é, eu, mas, assim, as limitações muito grandes, até de servidores, de cargos, a gente tentou diminuir isso agora, no segundo mandato, já com a visão que a gente precisa crescer mais como instituição de ensino, e agora é alavancar para que a gente possa ser uma referência enquanto instituição de educação, isso é o objetivo.

**Denis:** O Kléber, o interessante é que você passou por vários momentos da instituição, inclusive da transição entre instituições. Nesse momento aí, por exemplo, quando você era Diretor Geral do IFMG, no caso, no campus de São João Evangelista, estava nascendo aí o IFMG, você lembra o que era o IFMG nascente e a sua proposta institucional?

**Kléber:** Espera deixa eu ver só se eu não compreendi direito. Você repete para mim, Denis, só para eu entender.

**Denis:** Sim, eu estou dizendo que você participou de vários momentos da instituição, inclusive da passagem de uma instituição para outra, se é que a gente pode dizer assim, é, no caso, por exemplo, no momento de criação do IFMG você ocupava aí o cargo de Diretor Geral do IFMG do campus de São João.

**Kléber:** Sim!

**Denis:** No caso aí, São João Evangelista. Você lembra, assim, qual que era, o que era o IFMG nascente e qual era a proposta do IFMG?

**Kléber:** Pois é o Denis. É aquele lapso que houve, na verdade houve um certo lapso do momento que a gente pretendeu a criação do IFMG, e aí, daquele momento que talvez eu tenha insurgido, como a possibilidade do pensamento divergente, um pouco de quem estava iniciando o IFMG. Então eu sinto o seguinte, eu fiquei de certa forma um determinado período meio que não participando das decisões da gestão, então o que que acontece, então na perspectiva quando eu te disse aí de 2008, lembrando aí da criação dos institutos, eu participei como eu disse aí, eu era do CONEAF, do conselho das Escolas Agrotécnicas. Eu participei, o professor Cláudio Koller, ele era o presidente desse conselho e ele falou: “Kléber eu quero que eu e você, nós vamos subsidiar o ministro juntamente com dois representantes de CEFET e mais três da SETEC [Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica], nós seremos o grupo que vai definir os organograma dos institutos”, e aí o que depois veio ser a portaria 246, que é essa disposição aí dos institutos. Na época, nós construímos esse grupo, não era só eu, óbvio, eu era apenas um dos componentes, nós tínhamos um ex-reitor da Universidade Federal Tecnológica do Paraná, tínhamos pessoas ilustres compondo e nós propusemos como seria o modelo dos institutos. Então na época veio aquele intervalo, o professor Caio veio a ser o reitor do IFMG e aí dissolveu-se esse grupo. Passamos a bola para o ministério e daí para frente não sei o que houve mais, eu já era diretor, tanto que as negociações entre MEC e institutos eram entre os reitores, e é óbvio que deveria ser, não mais entre diretores. Então o que redundou depois disso, para o que se pensava para o IFMG até a definição, de onde seria o prédio da reitoria, por exemplo, eu já não participei mais, de quais seriam os *campi* que seriam iniciados, nada disso, foi uma decisão da gestão, óbvio, de quais seriam esses que deveriam..., de onde que deveria ficar, de o que seria... Então para mim fica

difícil dizer como que iniciou, qual foi a lógica de criação desses *campi*, dos cursos, porque eu não participei desse início. Nós demos sequência depois como reitor.

**Douglas:** Ótimo! E dessa, da fundação, praticamente 12 anos atrás, que foi em dezembro, que balanço que você faz, Kléber, desses 12 anos, do IFMG do finalzinho de 2008 para o IFMG de 2020? O que você destacaria nesse balanço de 12 anos para a gente, por favor?

**Kléber:** Muito bem, Douglas. Nossa, é muita coisa, muita coisa feita, muito trabalho realizado, muitas vidas modificadas, muitas vidas modificadas positivamente, né, então, assim, é um sentimento... eu vou fazer os destaques, mas inicialmente é um sentimento de muita gratidão daquelas pessoas que foram responsáveis por isso. Difícil demais de enumerar. Mas a instituição, ela é, olha para você ver, de três grandes instituições hoje nós temos o quê 20 instituições, ela é muito... uma única com 20 unidades! Mas a transformação foi enorme, número de estudantes, número de profissionais formados, número de empregos gerados, foi... A gente tem que lembrar também que, além de tudo, nós temos, além dos técnicos efetivos, nós temos servidores terceirizados, né, o que isso acarreta no alcance social também para cada uma dos municípios envolvidos, acho, eu parableno, sim, a audácia. No início a gente até teve alguns momentos, no início do IFMG, que a gente pensou assim: “o IFMG tá crescendo descontrolado”, houve. A gente que estava na época via a todo momento, criava-se um campus um aqui, outro ali, muitas vezes com ressalvas, por demandas político-partidárias alguns eram colocados, mas ao final, eu digo que o fruto foi positivo, tem sido positivo. Não penso jamais, que muitas vezes vem as conversas: “ah, vai fechar campus isso ou aquilo”, eu acho que isso seria um retrocesso enorme. Nós temos demandas, gente. Isso, só para vocês terem ciência, três *campi* que eles... como se fosse do IFMG e nunca foram inaugurados, e não tem condições de serem inaugurados, dizer para vocês que em alguns registros ainda eles estão lá, que são, Coronel Fabriciano, Sete Lagoas e Pitangui, não estranhe se em determinada mudança partidária alguém falar: “opa, olha o campus de Fabriciano, olha o Campus Pitangui”, esses são três que em alguns documentos constam como se fossem do IFMG. Assim que eu entrei no IFMG, nós tivemos diversos pedidos de abertura de campus, isso a gente sempre tem, mas esses três são deputados influentes que pedem, e eu falo: “gente, a partir do momento que tivermos pessoal, que tivermos recurso tranquilo, eu tenho por obrigação”. O que eu estou querendo, porquê desses parênteses, é mostrar que o IFMG

tem muito para crescer ainda, ele pode crescer muito mais ainda não só em número de *campi*, número de estudantes, esse alcance... Hoje a gente tá vendo aí, pela pandemia, como é que tem funcionado o estudo remoto, assim, essa pandemia, é lógico que a gente jamais gostaria disso, mas ficam algumas lições que a gente pode crescer, sim, como instituição, nessa parte virtual. Então, acho, assim, o balanço que eu faço é muito, muito positivo do IFMG, dessa instituição que vai completar 12 anos, uma instituição de pessoas fantásticas, eu tenho muitos amigos no IFMG, graças a Deus não considero que tenho inimigo, posso ter tido adversários, né, em eleição e tudo mais. Eu, você é de São João, você viu aí como é que foi difícil para mim como pessoa, todo o apoio que eu tive do professor José Roberto, um cara que sempre me apoiou em tudo e, ao mesmo tempo, entendendo que o professor Flávio Puff também era uma opção excelente para o campus de São João Evangelista, e às vezes ficam dois lados distintos: “poxa, o Kléber tinha que se posicionar de um ou de outro”. Fica difícil, porque a gente sabe que são duas concepções diferentes que querem o bem para a instituição. E, assim, eu entendo que eu faço esse levantamento também, se eu divergi do professor Caio (ou de outros), mas certamente ele buscou... na época, quando trouxe o IFMG... mas foi pensando no melhor, se errou assim como eu errei, mas eu acho, assim, que tem muito mais conquistas, muito mais do que algum erro eventual que a gente possa ter cometido.

**Denis:** Ô Kléber, você já passou por isso, mas, só insistir um pouquinho mais sobre esse processo de criação dos institutos federais, no caso, assim, a gente tem acesso à letra da lei, a letra de criação dos institutos, a letra 11.892 que cria ali os institutos federais, mas além da lei ou para além da lei, você consegue falar para a gente ou situar como que foi especificamente esse processo de criação dos institutos e aí situando o Instituto Federal de Minas Gerais nesse processo?

**Kléber:** Tá, então eu vou tentar aqui. Ah, eu tenho que voltar lá no ano de 2008 novamente. Então, só lembrando aquela questão, a gente estava naquele processo de transformação em CEFET, o campus de São João Evangelista e vários outros, no ano de 2008. Aí já era o professor Fernando Haddad, Ministro da Educação, tínhamos na SETEC o professor Gleisson, ele não era o secretário mas era o braço direito do professor Fernando Haddad, hoje o professor, o Gleisson, ele é secretário de Planejamento, se não me engano, ao lado do ministro Guedes, é um dos manda chuvas do ministro Guedes lá, mas é um cara muito bom

de serviço, viu, gente, ele, na época ele foi, ele juntamente com o professor Getúlio, foram uns dos que entregaram essa proposta dos institutos para o Fernando Haddad, deram um subsídio ao professor Fernando Haddad. Óbvio, a gente também, enquanto CEFET, enquanto CONEAF, a gente contribuiu nessas comissões, né, mas essa idealização partiu, sim, desses aí. E, assim, é uma... se eu for entrar, por exemplo, cada instituição, cada instituição teve uma formatação, ela não teve... ela teve talvez o documento formal, os estatutos são muito parecidos, estatutos, regimentos... Foi feito em um padrão talvez proposto justamente por essa equipe aí, eu até ajudei a propor na época dos estatutos. Mas, assim, a forma como aconteceu, a definição de locais de reitoria, tinha locais que não tinha reitoria em capital, depois passou a ter, por exemplo, no início a proposta era que tivesse um instituto só em cada Estado, não teria esse punhado. Aí depois, como Minas Gerais sempre teve muitas instituições públicas federais, a força de Minas era muito grande, então a gente conseguiu, na época, que teriam quatro institutos em Minas. Eram só quatro, não seriam cinco, não, e aí o pessoal já tava concordando, seriam uns três no Rio Grande do Sul, dois na Bahia, mas a grande maioria seria um só, mas devido às questões específicas do Estado, talvez questões políticas também, mas questões específicas do Estado, então saiu diferente a quantidade de instituições, talvez até pelo tamanho, não tanto pelo tamanho, né, porque a gente pega a matriz, pega as zonas, por exemplo, um instituto só, mas pelas especificidades então tiveram esse número diferente de institutos, e cada qual foi uma história diferente. Então, voltando sobre Minas, com relação a Minas nós tínhamos quatro institutos que é aí onde teve aquela situação que até eu seria o reitor lá em Pouso Alegre e tudo, então não se pensava em Belo Horizonte, mas aí eu volto até a enfatizar a importância do trabalho dos parlamentares e talvez até do professor Caio que aí começou-se a briga de que tínhamos que ter, sim, um, e aí o Reginaldo Lopes e aí até outros mais, sem fazer propaganda política, tiveram a participação no trazer um quinto instituto para Minas Gerais. E conseguimos então um quinto instituto, e essa discussão foi o que eu disse, Denis, ela foi muito longa, fizemos uma três reuniões em São João Evangelista, fizemos em Machado, porque também eu... tentamos uma aproximação de Bambuí, São João, Machado, em Confidentes nós fizemos reunião, fizemos reunião em Belo Horizonte, fizemos em Brasília, em Ouro Preto, em Bambuí, até chegar nesse quinto foi uma história muito longa, por isso que eu gostaria de citar nomes, assim, que participaram muito: óbvio, professor Caio, Flávio, professor Arthur (faleceu), professor Zé Roberto participou, Paulo Modesto aí de São João participou muito dessa discussão, em Bambuí nós tivemos professor Flávio - o professor Rafael, ele é mais recente, então ele não estava, não - mas tinha o Oiti, Neimar, Washington é de Bambuí também, professor Washington hoje é

diretor de Formiga, ele participou muito dessa discussão. Então tiveram pessoas que foram fundamentais para se chegar nesse projeto, o Alexandre Pimenta, pessoas fundamentais, foram muito, eu não imaginava ser o que é hoje, a gente nunca tem uma noção de um projeto tão... é lógico que eu tinha uma perspectiva positiva, mas eu pensava localmente, pensava para São João, né, minha visão era para lá, pensava assim: “olha, para São João Evangelista, isso aqui vai crescer, nós vamos ter curso”. Nós não tínhamos curso superiores lá, nós fomos lá justamente porque o INEP esteve lá, eles aprovaram o curso superior de Tecnologia em Silvicultura, foi nosso primeiro curso superior, mas a partir do momento que se transformou em Instituto nós, a gente, nos permitiu ter curso superiores, e hoje parece que São João Evangelista tá com um número aí de cursos superiores equivalente ao dos técnicos, então cresceu muito a instituição.

**Douglas:** Ô Kléber, ainda nesse processo, inclusive nós vamos bater muito nessa tecla da criação.

**Kléber:** Sim, fica à vontade.

**Douglas:** A gente gostaria de saber os processos burocráticos então, por exemplo, era um edital, tinha que fazer uma formatação de um documento, como que foi a parte burocrática para oficializar esse quinto campus que era o IFMG essa parte documental burocrática, você saberia falar para a gente como foi?

**Kléber:** Pois é. Na verdade, sim, teve um edital, foi aberto a todos a participação. Ele não foi obrigatório, mas é o seguinte, você quando tem alguém que você olha e pensa: “ou eu vou ou eu estou perdido”. Era isso, nos reunimos enquanto CEFET e CONEAF, as agrotécnicas que eram a maioria na época e os CEFETs deviam ser um pouquinho menos, eu acho que era um pouquinho menos, não me lembro, mas, assim, a gente sempre se reunia, o CONEAF de um lado, o CEFET de outro. E enquanto agrotécnica nós percebemos, ô gente, a força era muito grande, porque tinha, era muito promissor o projeto para que a gente ficasse de fora, então é lógico que tinha alguns diretores de agrotécnicas e CEFETs que queriam ser reitores, assim como aconteceu comigo aconteciam outras disputas, aconteceram várias, mas

coincidentemente apenas os diretores de CEFETs que vieram a ser reitor, exceções foram duas: a do Cláudio Koller, que era presidente do CONEAF na época, e teve mais um que eu não me lembro que veio a ser o reitor que era de agrotécnica, os outros todos eram diretores de CEFET, que tinham já uma força política maior. Então, o que que acontece, houvesse um edital e aí cada um de nós teve que assumir o desejo de se transformar em um Instituto, assinando e, assim, por unanimidade nas agrotécnicas. Nos CEFETs já, e a história tá aí para nos mostrar que o CEFET/Minas Gerais e o CEFET/Rio... que os CEFETs não optaram e à época houve uma certa “briga” com o governo do Fernando Haddad porque eles queriam mesmo que transformassem em universidade tecnológicas os dois CEFETs, de Minas e o CEFET lá do Rio. E qual é até a justificativa deles: porque até a universidade tecnológica lá do Paraná (que também era o CEFET/Paraná anteriormente) já tinha se transformado, e eles queriam da mesma forma, até porque, em termos de tempo, tanto o CEFET/ Minas, quanto o Rio, quanto mais dois CEFETs, se não me engano um deles da Bahia, eles pleiteavam se transformar em universidades tecnológicas. Só que o da Bahia e esse outro, eles falaram: “não, tudo bem, nós vamos transformar em instituto”. Agora, o CEFET/Minas e o CEFET/Rio, eles nunca engoliram isso, e até hoje, se você conversar com o pessoal lá, eles ainda têm esperança de se transformar em universidade. Então eles não aderiram, foram os que não aderiram ao projeto. Não vou dizer que teve alguma coisa assim, mas eles tiveram mais dificuldades no início em termos de recursos, de discussão de vagas, então eles pagaram por isso de certa forma. Mas é uma instituição muito grande, a gente sabe que os CEFETs aí são fantásticos também. Então teve isso, essa questão. Agora, internamente, em relação a nós lá de São João Evangelista, o único documento que eu redigi foi à época concordando com o professor Caio como reitor para iniciar os trabalhos do Instituto, no qual ele ficou lá, né, no primeiro, sem ser eleito por dois anos de 2009 a 2011.

**Douglas:** Ô Denis, só um minutinho, só o complemento da pergunta, é que esse documento, ele é muito importante. Kléber, você teria ideia de onde eu posso encontrá-lo?

**Kléber:** Esse que eu assinei?

**Douglas:** Isso!

**Kléber:** Pois é, eu vou ter que ir lá em São João Evangelista. Deve ter lá em São João Evangelista nas pastas lá, naqueles ofícios, eu não sei quantos anos já se passaram, como que foi, não sei como que chama, mas foi no ano de 2008, viu, Denis, talvez você consiga com a gestão lá, no ano de 2008 deve ter esses documentos todos lá, deve ter uma história longa de 2008 lá, documentos para lá, para cá, tem vários lá.

**Denis:** Ô Kléber, por falar aí em São João Evangelista, a Escola Agrotécnica de São João Evangelista, ela não se transformou aí em CEFET, como que, no caso, essa notícia de criação do IFMG chegou no local, lá em São João Evangelista, no campus?

**Kléber:** Pois é. Agora, né, passados tantos anos... Assim, o que acontece, a gente talvez não se lembre, estou lembrando aqui, mas estou dizendo, assim, a gente tem a dificuldade de lembrar com precisão, mas certamente a princípio deve ter sido um banho de água fria, porque o que a gente conhecia naquela época era CEFET, inclusive eu como candidato a Diretor Geral, pelas questões que coloquei, inclusive o INEP já tinha marcado de visitar e tudo e visitou e aprovou, graças a Deus aprovou. Por exemplo, se a nossa eleição ocorre em maio, junho já tava na nossa proposta, e parece que logo a seguir, julho teve uma banca lá, aprovou, quando foi setembro a gente já sabia, a gente tava aguardando só, aguardando sair um documento do ministério transformando em CEFET. E não só São João, tinha Uberaba, tinha outros, não, Uberaba já tinha transformado, Uberlândia e outros do país inteiro. A gente tava aguardando, mas não eram todas que ia transformar, não. Não eram todas que tinham condições, parece que das 42, 43 tinha umas 8 que iam ser transformadas em CEFETs, e aí a gente indo no MEC, e aí quando vai sair e depois começou a surgir: “ah, não, que agora vai ser um novo projeto”, eu lembro que isso foi um banho de água fria. Mas eu sempre, quando tinha alguma coisa a mais, eu sempre levava pra instituição, para os servidores, porque era um momento muito efervescente, muita confusão, eu falava assim: “não, eu tenho que levar isso para a comunidade”, e o pessoal que trabalhava nessa época deve lembrar as reuniões diversas que eu fazia lá no auditório da biblioteca ou em determinado momento no teatro lá embaixo e levando quais eram as proposições. Eu não me lembro direito, Denis, como que aconteceu, mas certamente de início não foi com “bons olhos”, foi meio assim... E aí não ia ser um CEFET. Agora, depois, aos poucos, foi se conhecendo, talvez já no início do Instituto teve uma perspectiva muito positiva. Também isso depende muito da forma como o gestor

leva em cada campus, né, isso é função fundamental do gestor, ele tem que sempre, né, o impacto que ele causa é muito grande, e eu sei que a forma como eu conduzi as reuniões, talvez se eu tivesse conduzido... eu poderia ter conduzido para eu ser o reitor lá no Sul de Minas, dependendo da forma como eu conduzisse lá. Mas, assim, eu acho que ainda bem que não fiz dessa forma, eu tentei mostrar o lado positivo dos Institutos e de como seria. Óbvio que eu levei um choque quando percebi que as coisas não estavam sendo compartilhadas, e aí eu acho que isso eu também transmiti para minha comunidade, então isso é natural, isso faz parte das nossas emoções mesmo, mas eu acho que foi assim que aconteceu.

**Douglas:** Ô Kléber, curiosamente a próxima pergunta nossa era justamente essa questão do CEFET, se não me engano várias instituições se transformaram em CEFET durante o governo do Fernando Henrique Cardoso, durante a década de 90.

**Kléber:** Sim!

**Douglas:** E aí a pergunta era justamente por que se aceitou o IFMG e não se aceitou o CEFET em São João? Você acabou de falar que posteriormente nós íamos transformar em CEFET, mas agora então... Uma pergunta não planejada, mas eu achei até curioso, você era o gestor à frente de se tornar CEFET, então o projeto passava por você e de repente vem alguém com outro projeto que, de certa forma, atrapalharia o original. Como que foi você interpretar isso? A gente já sabe o final que foi, São João acabou aderindo ao IFMG, como que foi essa coisa para você: “nossa, já tava tudo pronto, eu já tinha algo encaminhado”, de repente, vem uma outra possibilidade, vem uma outra proposta?

**Kléber:** Entendi, boa pergunta, Douglas. Ô Douglas, só ainda antes de chegar na minha parte, vamos relembrar o processo de cefetização, e talvez eu não me lembre de cabeça, vocês podem me ajudar aí, mais os processos de cefetização, eles aconteceram igual você disse, ainda na época do Fernando Henrique, e nesse período que aconteceu a primeira leva de CEFETs eu não estava à frente da gestão do campus, não. Então houve um período antes, e até um pouquinho antes até. Na época de Ouro Preto, Bambuí, eu ainda não estava como diretor do campus, e tiveram CEFETs que foram antes ainda, eram diretores anteriores, e na

época teve até recurso do PROEP que São João também não aderiu ao PROEP, ao programa de expansão. Devem ter tido suas razões naquela época e se eles buscaram a cefetização àquele período, talvez tenham buscado também, mas não conseguiram o intento. Anteriormente, eu não me lembro de um movimento grande para a cefetização antes desse nosso, não. Podem ter buscado, mas eu realmente não lembro. O fato é que estava muito mais propício na época que eu estava como diretor, isso talvez muito mais do que com eles. Naquela época tava, sim, uma leva boa, talvez 8 escolas iriam se transformar em CEFET. Então a perspectiva, eu tinha acabado de ser eleito, você está entrando nessa questão minha pessoal mesmo, então eu tinha um projeto e tudo mais, você tem que fazer, assim, um projeto mesmo até de infraestrutura da instituição, de busca de recurso e tudo mais, nós preparamos tudo seguindo orientações do próprio MEC, e foi um trabalho, assim, que vínhamos discutindo desde de antes da eleição em 2007, nós já estávamos trabalhando, nós buscamos consultorias para nos auxiliar em como fazer isso, trocamos ideia com outros CEFETs, visitamos CEFETs... Qual a diferença, entendeu? Tudo isso, a gente tinha equipes que faziam isso, foi todo um trabalho, aí nós submetemos isso, foi a visita, todo mundo ficava encantado com a possibilidade de se transformar em CEFET, então quando saiu o resultado para nós foi uma festa. Eu lembro que a gente saiu para comemorar, pelo menos o pessoal da gestão, saímos para comemorar e tudo. Aí depois a coisa foi demorando e tudo, foi e certamente, estrategicamente, o ministério já tinha outros planos para isso. Eu acho, assim, que o que pegou com o ministério da época foi, além da criação dos institutos que foi muito positiva, mas eles não gostavam da forma como o CEFET/Paraná tinha se transformado em universidade tecnológica, isso, à época eles não queriam daquela forma. O que aconteceu com a universidade tecnológica no início, é sempre, eu não tenho conhecimento para afirmar não, mas a partir do momento que você se transformou em universidade tecnológica, especificamente, perdeu aquela formação dos ensinos técnicos, e estava na legislação dos Institutos prevendo no mínimo 50% da formação em ensino técnico. A preocupação deles era muito grande, do CEFET/Minas passar a universidade tecnológica, o outro, o outro e o outro e daí em diante. Se a gente não encontrasse, porque a gente vai nos municípios, na grande maioria dos municípios, o que dá visibilidade são os cursos superiores, então o ministro já enxergando isso ele já colocou o seguinte, eu vou criar um mecanismo de modo a permitir que as instituições possam ter preservados os cursos técnicos, então a preocupação dele foi muito grande de ter uma debandada, todo mundo querendo virar universidade tecnológica e a partir disso os cursos técnicos serem renegados. Eu acho que, basicamente, né, é isso que aconteceu.

**Denis:** Você pegando aí, né, naquele momento dois projetos, projeto do CEFET e o projeto de se transformar IF, qual que seria aí a sua avaliação em cima desses dois projetos?

**Kléber:** Nossa! Hoje eu faço a leitura que a transformação em IF é muito superior, muito mais abrangente, muito mais humana, não se compara, né, assim, a pluralidade, o alcance, né, das unidades. E primeiro que também o CEFET ele tinha limitações, muito mais limitações de alcance até, por exemplo, você tinha os cursos lá que, você poderia ter até cursos superiores, mas não tanto abrangentes igual os que a gente tem hoje nos institutos, entendeu? E fora que ainda permite os cursos de formação inicial continuada, né, até o doutorado, então tem uma gama de opções para nós muito grande nos institutos. Assim, acho que é muito diferente um projeto de CEFET, a gente vê a diferença hoje, né. O CEFET, gente, é lógico que vocês podem dizer, assim, mas se a gente for em uma cidade aí e falar assim: “olha, nós somos IFMG, e falar CEFET”, possivelmente na grande maioria das cidades, o pessoal vai falar assim: “ah, você é CEFET”, conhece como CEFET, não é isso? Nós temos essa dificuldade, sim, de melhor divulgação da marca Instituto, né. IFMG e Instituto, de uma maneira geral, tá, essa é uma discussão que passa por nós reitores a todo momento ali, mas a gente tem que lembrar o seguinte, também que São João, por exemplo, se você chegar e falar Escola Agrícola todo mundo sabe, e Instituto, IFMG, dificilmente. E assim vai, Bambuí, né, e outros mais, se você for até em Ouro Preto lá e falar Escola Técnica sabe, mas se falar IFMG nem todos, né. Mas o que acontece, o CEFET tem mais de cem anos, o CEFET, né, que era Escola Técnica, e depois só de CEFET não sei quanto anos, então há um tempo ainda que a gente precisa de estar para consolidar a marca. Óbvio que a gente precisa melhorar as nossas estratégias de marketing, de divulgação e até mesmo de formação dos nossos profissionais, que a melhor divulgação é essa, né, mas com relação ao projeto em si e a diferença entre um e outro, hoje eu enxergo que foi um avanço importantíssimo para gente ser Instituto e não CEFET.

**Douglas:** Bacana, muito bacana! Continuando aqui então, Kléber, e aí até pegando a sua experiência, tanto como diretor, quanto como reitor, o que você nos falaria no sentido da mudança, tipo como que funcionava as coisas antes do IFMG e quais foram as principais mudanças nessa questão administrativa de gestão no após o IFMG, né? Esse balanço de como

funcionava antes e como funciona depois, as principais dificuldades ou melhorias, enfim, fique à vontade.

**Kléber:** Então tá. Bem, como era antes, né, vamos pegar lá, perspectiva minha e perspectiva do MEC lá. Primeiro é o seguinte, quando diretor geral, eu tinha realmente as minhas prerrogativas de nomeação de servidores, né, de orçamento próprio do campus, né. O campus, eram destinados diretamente para o campus o orçamento, ele administrava aquilo, fazia o seus pagamentos de diária, tudo aquilo, o pagamento de pessoal, tudo era feito localmente, né, e, assim, inclusive busca de recursos extras o diretor geral que ia em Brasília. Eu constantemente, final de ano, ficava, né, a gente ainda tem isso, ficava no campus até tarde esperando recursos, e às vezes dia 24 de dezembro você tá lá: “ô Kléber, tem um recurso aqui, dá para você empenhar aqui correndo, você consegue?” “Opa, vou me virar aqui e correr atrás dos técnicos”, então a gente sempre buscava recursos para a instituição, isso é natural de um gestor. Mas isso era feito direto do campus, muitas vezes eu ia em Brasília para negociar e tudo mais, então era essa a questão. A partir do Instituto, a gente enquanto estava lá como diretor, a gente sentiu, né, eu senti isso porque, por exemplo, se eu quisesse mais recursos eu não ia mais para Brasília, eu teria que deixar o reitor e a equipe ir lá. E muitas vezes a gente pensava: “será que o reitor tá sabendo com preocupação que a gente está aqui de final de ano, em dezembro mesmo, deixando a família?” Tava lá buscando esse recurso. Então, a gente ficava nesse receio e não tinha esse contato tão aberto com ele, né. E aí eu me resenti muito no início, falava assim: “poxa, agora eu tenho que fechar as portas aqui do campus São João Evangelista”, a não ser, né, por conta das criações, que lá nunca pára, mas, assim, administrativamente, né, eu praticamente tinha que confiar que na reitoria estava sendo feita as questões que antes a gente fazia. E assim foi e a gente se ressentiu dessa autonomia que eu tinha para poder buscar recursos, né, e fazer esse gerenciamento. É, esse foi um dos pontos, mas é óbvio que pro Ministério da Educação era uma demanda de diretores da época que ficava difícil para eles lidarem com tantos diretores isolados, já pensou hoje 600 e tantas unidades, cada um dos diretores liga lá no MEC para falar, solicitar recursos e tudo mais, então acho que assim a ideia do gerenciamento institucional até para a parte administrativa, ela foi fundamental. É aquela questão de ganho de escalas, quando você compra para vários campi sai muito mais em conta, e de início o que que acontecia, cada uma, São João, tinha seu processo de licitação, Bambuí o seu, Ouro Preto o seu, então assim pra gente certamente os preços eram maiores, então a gente ganhou em

escala, muitas vantagens também nessa parte administrativa com essa mudança aí para Instituto. Eu acho que, né, não sei se respondi mais ou menos a sua pergunta.

**Denis:** É o seguinte Kléber, em 2008 escolas aí com realidades, inclusive realidades institucionais, né, administrativas e também geográficas muito diferentes passaram a integrar aí o IFMG, em 2008, né, aí a gente tem por exemplo a Escola Técnica de Ouro Preto, geograficamente ela se localiza no centro do Estado de Minas Gerais; a Escola Agrícola de São João Evangelista, no sudoeste do Estado de Minas Gerais; e a gente tem incluído aí a Escola Agrícola de Bambuí, também no centro-oeste do Estado de Minas gerais. Então são três escolas que passam a integrar o IFMG, com realidades geográficas muito diferentes, né, então uma no centro, outra no sudoeste e outra no centro-oeste. Você sabe me dizer assim, é, por que essas três escolas passaram a integrar o IFMG?

**Kléber:** Pois é, é meio complexo, né. Ô Denis, estar falando isso aqui, mas, assim, se a gente for olhar de uma lógica geográfica [ risos], é meio complexo explicar, mas, assim, vamos tentar diminuir porque passou. Não só os fatos geográficos, tá, mas também outras questões que interferiam nas criações dos institutos de uma maneira geral, mas o IFMG destoa um pouquinho dos outros, ele foi o quinto instituto devido até a esse histórico que você está colocando aí. Na verdade, a gente tem hoje quase quatro ou cinco regiões aí do IFMG e é aquilo que eu disse, né, a gente, na verdade, São João Evangelista se a gente fosse olhar poderia talvez estar no Norte de Minas, não está muito ruim de estar não estar na região central, não, não é algo anormal. Jamais, logicamente, não poderia estar lá no Sul igual pretendiam fazer com Machado também, se fosse olhar geograficamente. Bambuí talvez pudesse estar lá (região centro-oeste) junto com o pessoal do Sul de Minas, né, se organizar lá se a gente fosse olhar isso mesmo. E Ouro Preto, realmente, na região metropolitana. Mas tem que levar em consideração que houve também fatores realmente políticos, arranjos para se chegar a isso, né. É, então volto a dizer, São João entendia que... São João sempre foi... Assim, nós sentimos muito, quais são as grandes localidades que a gente tem aí, Guanhães é uma cidade um pouquinho maior, né; Governador Valadares - quando eu falo tem desculpa é só com o Douglas que está lá em São João, né, desculpa os demais, tá, gente -; é, então nós temos Guanhães, nós temos as opções Governador Valadares e Ipatinga, grandes centros, aí, né, e Belo horizonte. E assim 90% do que fazemos é em Belo Horizonte mesmo, então nessa

discussão foi me dada a possibilidade de diretor, na época, de optar por qual delas, e, é lógico, que eles queriam que tivesse, até por questões partidárias o próprio MEC queria que tivesse em Belo Horizonte, portanto me ligaram, né, querendo, porque se São João não aderisse, tem essa história também porque não fariam um instituto só com um campus Ouro Preto. Queria... o Caio queria porque queria que tivesse. E aí o Caio me ligava pelo amor de Deus para ser e eu: “não, Caio, eu não resolvo isso aqui, é só com a comunidade”. E aí o próprio MEC começou a me ligar. Então o que a gente entendeu, para nós era melhor Belo Horizonte, aí nós optamos Belo Horizonte. Aí a questão do Caio também, pro Caio eles falaram: “olha, nós abrimos um novo Instituto, sim, mas tem que ser em Belo Horizonte”, então ele falou assim: “eu tenho que buscar alguém como aliado”. Ele já sabia que não teria o Flávio como aliado lá em Bambuí porque o Flávio queria em Divinópolis, entendeu? Então aí a partir do momento que teve o meu... o que aconteceu com o Flávio, tem coisas assim que faz parte e eu preciso que vocês entendam o contexto da época, o professor Flávio teve divergências, aí o que acontece quando eu estava com Muzambinho, Machado e Inconfidentes preparando para ser o reitor lá e essa discussão avançando, deixei Flávio e Caio discutindo sobre a possibilidade, aí o Flávio foi e apresentou para ele que queria em Divinópolis. O Caio queria em Belo Horizonte, eles divergiram, houve uma divergência séria entre eles onde o Caio não aceitou mais a participação de Bambuí e queria São João. Aí, Flávio me procurou, e Flávio tinha dito que não queria de forma alguma ficar com as agrotécnicas na época, divergia, divergiu que não queria, e nessa confusão que teve em Brasília acabou que teve um bate boca lá do pessoal de Bambuí com o pessoal de Machado, Muzambinho e Inconfidentes que então eles não queriam mais saber de Bambuí. Foi assim, estou abrindo o jogo. Aí eu tive que conciliar lá em Machado, Muzambinho e Inconfidentes a participação do Flávio no grupo lá. O Flávio, “olha, não deu certo com o Caio, ô Kléber, pelo amor de Deus, não tem como conversar com o Caio, não, vê com o pessoal aí e nós queremos”. Aí eu falei, “ô Flávio, se você vier para cá não adianta você querer...”. Ele perguntou assim, “você quer permanecer onde Kléber?” Eu falei, “uai, para mim eu quero que seja em Belo Horizonte, eles não vão querer que mude.” Ele falou, “ô Kléber, eu vou com você, nós vamos levar para Divinópolis, o que você acha?” Eu falei, “olha, ô Flávio, não vem cá com Divinópolis não que eles vão querer te expulsar daqui” [risos]. Aí ele disse, “não, eu vou aí e nós vamos conversar”. Ele foi, aí pronto, fomos lá e eles não concordaram e tal. Só que aí eu voltei em São João e resolvi que ia para Belo Horizonte, bem combinado com o Caio e tudo. Daí depois reuniram os quatro e eles falaram que tudo bem que o Flávio poderia participar conosco aqui, mas já não estavam querendo ele. Aí começaram a discutir e

todas as discussões o Flávio perdia porque eles eram três, e ele sozinho, e aí ele perdeu a reitoria também. Aí ele me ligou e falou: “ô Kléber, não tem como, eu vou ter que voltar para você junto com o Caio”, aí ele foi em São João e a gente votou e conseguimos trazer Bambuí. Entendeu? A história como que foi, são histórias que alguns conhecem, né, mas, assim, é muito longa essa história do IF. Foi assim que aconteceu então essa configuração de ficar os três, né, e, assim, geograficamente, voltando à pergunta, foi meio que um arranjo, né, para que se pudesse encaixar essas instituições aí. Bambuí então não tinha um perfil, né, de juntar com Inconfidentes, Machado e Muzambinho que foram as que deram origem ao Sul de Minas.

**Douglas:** Kléber, eu estou desde o início da sua fala, estou percebendo uma coisa muito curiosa e muito interessante que é com relação à questão da reitoria, à discussão da reitoria em BH. A reitoria em Divinópolis e o Sul de Minas, a reitoria em Pouso Alegre, qual que é, tanto a importância até mesmo simbólica, política, gostaria que você resumisse um pouco a sua visão porque parece que muitos desse projetos, tipo assim: “olha, a gente aceita todo mundo, mas tem que ser aqui”, “ah não, eu concordo”, “não, não, mas a reitoria tem que ser aqui”. Qual que é a sua visão dessa questão simbólica ou da questão política, enfim, do posicionamento aí, nem tanto só do IFMG, a questão de Belo Horizonte, mas de forma geral essa discussão de onde vai ser a reitoria, como você percebe essas discussões em torno disso?

**Kléber:** Passa por aí mesmo Douglas, a questão de disputa também, óbvio, de poder. Mas não só isso, tem disputa de poder, de imaginar que naquele local a instituição possa estar mais bem representada. Imagina para você ver no caso específico de São João Evangelista, né, e vamos pensar, assim, colocar-se no lugar dos outros também, representantes e diretores estavam indecisos sobre os locais aí, né, mas imagina para um campus lá, Machado, onde ele tem a possibilidade de ter a reitoria e todas aquelas que se fazem lá em um campus na cidade de Pouso Alegre; lá em Montes Claros, exagerando, do outro lado; ou então aqui em Belo Horizonte. O que facilitaria para ele, né? Vamos pensar no administrativo, sem pensar em uma questão de poder ou de política mesmo, o que facilitaria para ele em termos de recursos, o tanto que vai gastar, de idas e voltas de reuniões, você sabe o que tem que ter na reitoria mesmo, né, decisões, né. Então, assim, o que o gestor pensa, aquilo que está mais próximo ou que é mais demandado para ele, né? O que é mais óbvio, o que é mais lógico. Eu penso para

mim, no caso de São João... É lógico que eu já sabia que Ipatinga, Valadares, não teriam reitoria, seria uma cidade mais polo, né. Ou ainda melhor qual seria a reitoria, então eu teria que fazer a opção e qual seria a opção mais lógica para mim? Pouso Alegre lá no Sul de Minas, sei lá, uma grande cidade, acabou sendo Pouso Alegre, mas Pouso Alegre, Divinópolis, Belo Horizonte, lá em cima, Montes Claros, quais opções que óbvio eu teria como instituição, teria que melhor fosse opção administrativamente, menos gastos de recursos e também politicamente? Por uma questão até de influência da instituição, da escola em São João Evangelista, da região, seria a mais próxima de nós, seria em Belo Horizonte. E assim eu me coloco na situação do diretor, por exemplo, do Flávio lá em Bambuí, para ele lá em Divinópolis tem muito mais ambiência do que em Belo Horizonte; para o Caio não passava jamais pela cabeça dele de ir para Divinópolis, sendo que aqui, Ouro Preto, é mais próximo de Belo Horizonte, e assim aconteceu no país inteiro. Pode ter certeza de que onde foi feito, porque eles deram esse tempo de se conversar, de se chegar em um ajuste, muitas vezes resolver essas questões é uma tarefa muito complicada, né. Eu sentia que para mim eu poderia, sim, criar um clima muito ruim de [inaudível] com o campus Ouro Preto e tudo mais: “não, eu tenho que ser o reitor, vai ter quer ser. Não!” É, lógico que eu me ofereci, me propus como um reitor, mas no momento que eu percebi, gente, o resultado vai ser uma briga que não vai dar em lugar nenhum e eu posso perdê-la, tenho grandes chances de perder a briga mesmo, então eu cedi, na época, falei: “não, Caio é o reitor, vamos dar o voto de confiança para ele ser o reitor”. E assim, você está falando sobre a questão da localização geográfica, e acaba que passa por isso também, essa questão, né? De política mesmo, de poder mesmo, de influência de estando em tal local eu tenho um poder maior enquanto gestor, acho que passa assim.

**Douglas:** É porque você citou a questão de até interesses outros de ficar em BH quando você fala assim: “tem gente até do MEC que queria que ficasse em Belo Horizonte”, então, para além da esfera dos *campi*, também.

**Kléber:** Exatamente! E aí talvez seja, parlamentares, né? Alguma coisa assim no sentido, pode ser, né? Eu não sei, é uma dedução minha, de alguém, superiores, já olha, “eu quero que seja em tal local”. Como isso aconteceu, né, gente? Igual a gente fala, que, por exemplo, eu sempre falei enquanto reitor: “ah, dificilmente um campus avançado pode se transformar em

campus”, é muito complicado mesmo! Eu estou fugindo um pouco, mas é só para dar um exemplo, tá. É, mas já aconteceu com a presidente Dilma, transformou campus avançado em campus. Recentemente o Temer transformou e, assim, não teve lógica, não foi uma avaliação, foi por decreto presidencial. E aí, igual você está falando, e as definições de locais de reitoria, lógico que passou por discussão, mas alguém com poder foi lá e definiu: “não, vai ser aqui”. Isso aconteceu lá no Rio Grande do Sul, eu não sei explicar o caso, mas, assim, foi na virada da noite, acho que estava para ser em Bento e aí transformou em uma outra cidade lá no Rio Grande do Sul pela decisão de alguém com bastante poder lá.

**Denis:** Nessa integração dessas três escolas, por exemplo, a gente está falando de realidades geográficas distintas, mas elas também, elas tinham a sua história muito anterior até ao próprio IFMG, e a sua autonomia administrativa, né? A escola de Ouro Preto, a escola de Bambuí, de São João Evangelista, no caso. Assim, qual que foi o principal desafio na integração dessas três escolas em um denominador comum que é o IFMG?

**Kléber:** Pois é [risos]. Foi muito complicado, viu, Denis. Nossa, assim, são culturas muito... Até hoje, gente, até hoje a gente se ressentia disso. São culturas muito diferentes até tantas... Nossa, se eu for citar tantas questões que na forma de gerir, na forma de cada um ver o mundo lá na instituição... E aí é bom quando a gente conhece, passa a ser reitor, aí passa a respeitar, né, cada qual tem o seu, sua forma de enxergar. Mas eu, assim, no início, alguns impactos eu sentia, tá. Essa distribuição de carga horária, gente, acho que era até desumano aí em São João Evangelista, tá. Mas, assim, eu não sentia que, né, posso estar equivocado, né, que em outro campus era tão assim, trinta e tantas aulas! Às vezes, eu era professor de português, eu dava 32 aulas, 28 aulas, isso era uma cultura nossa, acho que não era assim nos outros *campi*, então quando juntou a São João, vira e olha: “poxa, é assim?” E estava errado, né. Às vezes, São João que estivesse errado, mas, por outro lado, você pegava *campi* e ainda pega alguns *campi* com carga horária que a gente tem tentado balizar, porque às vezes em um campus 12 aulas está sufocando, às vezes para outro campus tem outro com 18, 20 aulas. Acho que isso varia, óbvio, gente, estou falando, assim, no geral, vai variar de disciplina, de contexto, né, de tudo isso, tá. Mas numa média, as histórias eram muito diferentes em tudo, desde coisas pequenas, nossa! Por exemplo, no São João Evangelista, o hábito lá do cafezinho com lanche e tal, você ia nas que eram também, que era uma tradição no São João

Evangelista, né; e aí, você pegava já e não acontecia dessa forma em Ouro Preto, por outro lado, né! Não sei, assim, é muito detalhe de comportamento de servidores, né, que uma cobrança exagerada às vezes em determinado campus... e em outro mais solto. Um pouco do controle da frequência e da assiduidade, isso ainda, né... A gente que é do IFMG ainda sabe que é adverso, é muito diferente ainda, cada campus com a sua, por mais que a gente tente ter uma coisa mais articulada, não é, não tem como ser padrão. Nós estamos trabalhando agora recente sobre o... justamente sobre o regimento, eu vou começar um trabalho aí sobre regimento, organograma dos *campi*, tentando fazer aqui uma coisa que seja pelo menos parecida, mas está dando um rebuliço, vocês não imaginam. Porque cada um fala assim, “olha, a minha realidade...” Nós temos 9 campus 70/45 aqui, cada um dos 9 quer ter uma estrutura diferente e, assim, imagina os outros? Então, ô Dênis, é muita coisa, muita cultura que a gente tá tentando mudar, além de ser o fato de ser um [inaudível] de área agrícola, mesmo assim, diferentes entre si, em regiões diferentes. São João é uma região mais socialmente carente, né, e, ao mesmo tempo, Ouro Preto já é uma escola técnica, então, assim, e agora com as novas que são, assim, pega Ibirité que não tem nada a ver com versão, assim, dos agrícolas, cada um de um jeito, cada instituição de um jeito, número de servidores, porque tem campus avançado que tem 20 professores, pega Ouro Preto com 150 professores, 100 técnicos, Bambuí também da mesma forma. Então, assim, são muitas... é um mundo muito diferente que a gente tenta transformar em um único IFMG. Não é fácil, né, para nós, para todos nós, fazer com que se torne uma única instituição.

**Douglas:** Nesse sentido, Kléber, como que você destaca isso, só que para São João Evangelista? Como que São João trabalhou essa mudança institucional? Como é que era essa coisa do... você lembrou até do cafezinho, essa coisa da cultura própria, práticas próprias de São João e, principalmente, o que você acha que manteve, o que se alterou e o que se manteve dessas antigas práticas que está lá de tempos desde antes de ser IFMG?

**Kléber:** É, a gente alterou algumas questões. Primeiro o IFMG como um todo, mas eu vou falar igual você falou... Mas é São João, né, que primeiro... A cultura, inclusive, a pesquisa, Douglas, especialmente nas agrotécnicas era muito carente, a gente não tinha, né. Nada praticamente de pesquisa. O IFMG, eu tenho que ressaltar aí que o trabalho, né, do pessoal de Bambuí, talvez, professor Neimar, lógico que o Pablo depois esteve também, mas logo no

início enquanto CEFET Bambuí, desde o CEFET já começou uma cultura da pesquisa, né, iniciando talvez uma pós graduação também. Mas São João Evangelista eu posso afirmar que mesmo no início do IFMG era muito carente essa questão da pesquisa, tá. Então, gente, acho que hoje já avançamos muito! Óbvio que tem muito o que avançar, não só no São João Evangelista, mas em todo o IFMG. Mas, assim, houve um avanço com a pesquisa, começando o IFMG. Essa é uma das questões, agora vamos, práticas no dia a dia lá também, né, que aconteceram, que foram mudanças e eu acho que foram algumas foram muito benéficas, a maioria, delas, né? Como também tem outras que as pessoas se ressentem delas também, tá. Há um certo saudosismo, né? Uma nostalgia que a gente fica... talvez que o antes era melhor, sempre assim, né? Eu me ressinto, por exemplo, de chegar em São João e às vezes eu sou conhecido por participar, ser reitor, mas eu não conhecer as pessoas e aquilo não... Enquanto era agrotécnica e a gente tinha umas 40 professores só, a gente tinha... era todo mundo conhecia todo mundo, se encontrava no cafezinho, você fazia, o final de semana encontrava na casa dos demais, então, assim, o fato de não só isso, o fato de ser conhecido, estar todo mundo lá é muito positivo, sabe? Uma situação mais como uma família mesmo. Hoje já é mais diferente isso, né, tem muitos... que você chega lá e não conhece as pessoas todas, não tem como mais conhecer, né. Os estudantes, igual eu falei, quando eu dava aula lá, eu conhecia todos. Hoje é impossível alguém conhecer todos, mas, assim, então isso. Agora, outras práticas, eu me lembro no processo eleitoral para reitor em 2011, professor Caio, aí nós tínhamos uma prática lá, das práticas agrícolas onde eu fui aluno, né, então a gente, o que acontecia quando um aluno... eu tinha uns meses de curso, em julho e janeiro, porque nossas férias, a época que eu estudei tinha 180 dias letivos só, não eram os 200 dias, não. Então nós tínhamos os meses de julho e janeiro que você formava o primeiro ano, após no final do primeiro ano, né. Primeira série, você tinha que fazer o plantão obrigatório. Em janeiro, você estava iniciando o ano, você ficava trinta dias de janeiro fazendo plantão, ou seja, o que era isso? É fazer as práticas, cuidar dos animais, plantações, né, então a gente fazia isso. Era uma forma da instituição economizar recursos, né, ainda mais na época de vacas magras. Mas, ao mesmo tempo, o que você aprendia com isso era, é lógico que a gente não gostava, fazia porque tinha que fazer mesmo, e fazia também no mês de julho, no terceiro ano, então era em torno de quarenta dias que você fazia parte da matriz curricular, você tinha que fazer isso né. A gente veio carregando ao longo dos anos, né, e inclusive enquanto gestor, só que a coisa quando vai passando, isso vai relativizando. Isso então na época isso estava assim, já estava acabando, na época em que eu era diretor não tinha mais essas férias para... nós tínhamos, sim, os plantões que aconteciam no sábado e domingo. Que sempre acontecia

sábado e domingo também acontecia na minha época, só que era uma vez a cada dois, três meses, né, por exemplo. E na minha época quando diretor também, né, a gente continuava com isso, e as práticas, às vezes, em uma sexta-feira à tarde tinha e tal. E aí, quando, né, o professor comentou lá... Não era campus agrícola e os alunos não gostavam. Alunos não gostam, né? Então os alunos na época... foi a melhor plataforma que o Caio... para a eleição do Caio foi essa, falar que iria acabar com esse trabalho escravo, não sei o quê e tal. E efetivamente ele entrou como reitor, e como candidato, saiu como candidato... e como reitor ele cortou essas práticas. E aí nós tivemos que nos virar no campus, tanto quanto na parte financeira, quanto na parte de (re)modificar o campus para poder fazer isso. Passado algum tempo, lógico que os alunos na época adoraram, mas, assim, depois do retorno de ex-aluno, nossa, os depoimentos eram muito contrários, gente, o que vocês perderam com isso de formação foi muito grande. Então, pode ser um pouco de nostalgia minha, né, com isso do retorno daquilo que era positivo, mas, assim, você está falando sobre essas práticas e a gente lembrou aqui até do cafezinho, tá, lá dos... Muitas práticas nossas mudaram, né. Além dessas duas que a gente está citando, como a mudança para IFMG e algumas, a grande maioria acho que positivas, né. Mas uma ou outra talvez pudesse ter sido feita de uma forma melhor, né, acho que essas questões das práticas, por exemplo. É lógico que ainda tem algumas questões que são feitas práticas lá, são feitos trabalhos práticos, mas o impacto daquela questão naquele momento, ela foi prejudicial ao ensino também. Algo mais?

**Denis:** Tem algumas questões ainda, mas se vocês quiserem também, é, quiser tomar uma água,

**Kléber:** Está sem água aqui. [risos] Manda trazer uma água aqui para mim...

**Denis:** O que vocês acham?

**Kléber:** Pra mim tá bom, mas se vocês quiserem podem sair e tomar uma água. Eu estou tranquilo.

**Denis:** Não, não, tranquilo, mas quando quiser parar também, tomar uma água, pode ficar tranquilo, Kléber.

**Kléber:** Tá jóia.

**Denis:** A gente está falando, assim, especificamente, de São João Evangelista, de uma mudança então institucional, né, de escola agrotécnica, agrícola, para IFMG, e aí há uma tensão nessa mudança institucional. Você sabe precisar para a gente, sei que já falamos sobre isso, né, mas como foi percebida essa mudança institucional de uma cultura administrativa para outra, como que foi trabalhado isso lá no local?

**Kléber:** Ô Denis, nós tivemos muitas questões complexas a serem trabalhadas lá na parte... mas a gente sentiu muito foi na parte administrativa mesmo. A parte do ensino até que foi o impacto, né, a princípio não pareceu significativo, não. Mas a gente passou a refletir no ensino, né, porque a gente muitas vezes precisa de fazer licitações, algo rápido para as aulas práticas, e às vezes demandava questões na reitoria. Até a gente se adaptar a isto, a gente atribuía essas demoras, né, ao fato de estar sendo centralizado na reitoria. Então, muitas vezes, as aulas práticas dos docentes: “ah, deixou de comprar um adubo ou algo assim”, “ah, está na reitoria ainda”. Então passava do prazo de plantio, sabe? Foram muitas mudanças que tiveram nesse período. Houve, nós tivemos, assim, alguns problemas assim no período da eleição, eu tive um diretor da administração que se manifestou favorável, tiveram alguns fatos assim que eu preferia, não vou entrar muito no mérito aqui, não, mas no período eleitoral em 2011 foi um período, assim, complexo para quem acompanhou. Acho bom até você ouvir outros atores porque eu tive diretor de administração que foi exonerado por desvio, né. O reitor exonerou, né, na caneta. É, pessoas que trabalhavam com ele, que eram de São João, que declararam apoio e foram... realmente tiveram que ser exonerados do cargo. Foi complexo, né, naquele período entre a transformação de instituição até a eleição de 2011. Aí depois de 2015 já foi... Ainda em 2015 foi tranquilo, quando teve transição, ela aconteceu, lógico que fico muito chateado, mas ocorreu de maneira tranquila, a transição para o meu primeiro mandato. Mas no período de 2011 o processo eleitoral foi muito complicado.

**Denis:** Sei. E essa questão aí de gestão de recursos, né? É, os recursos que você tinha aí em mãos na época, recurso de material, de pessoal, recurso financeiro e o uso desses recursos

durante a criação do IFMG, no qual você estava lá em São João Evangelista. Como você percebe essa questão dessa disponibilidade de recursos e esse uso?

**Kléber:** Eu não... Eu vou afirmar o seguinte, eles permaneceram disponíveis para a instituição. Não houve, dizer assim que houve represália, retirada... Até porque, por uma questão institucional, o reitor percebeu a importância daqueles recursos. Então, é, as dificuldades talvez naturais que se tem de orçamento mesmo, mas era... em nenhum momento retirou recursos por represália ou alguma mudança, isso não aconteceu, não. O que às vezes a gente colocava nas nossas dúvidas é a forma da distribuição de novos recursos. Porque alguns recursos eles vinham praticamente detalhados no campus, entendeu, Denis? E aí, já vinha então pelo próprio MEC assegurado: “olha, vai tanto para o São João Evangelista e tantas para Bambuí, Congonhas, Ouro Preto”. Isso já dá uma certa tranquilidade, pelo menos para o pessoal: “olha, tem pouco, mas eu sei o tanto que tenho, eu tenho que economizar aqui, eu tenho que me virar com esse recurso”. Então, isso sempre foi bem planejado, tá, em nenhum momento qualquer gestão tenha feito, pegado recurso de uma instituição e passado para outra, isso nunca aconteceu. Agora, é a forma como era dividida, os novos cargos, os novos recursos que chegavam, é que isso. Eu, como que eu faço isso hoje? A gente leva na reunião do colégio, então, lógico que eu trabalho com uma equipe de pró-reitores e a gente faz uma prévia daquilo que a gente entende que é o correto, os pró-reitores e diretores na reitoria a gente faz reuniões todo mês e leva no colégio, desde que tenha participação de cada um dos campi, seja para distribuição de vagas, tudo. Nós não tínhamos. Vou entrar em um mérito do que a gente fez na gestão, regulamentação de processo de editais de remoção, como é que as pessoas: “eu quero ir de um campus tal para tal”, um quer e o outro quer também, como é que você prioriza? Não tinha regra, então a pessoa tinha que ficar no reitor: “ah, reitor você pode! Ah, não pode!” Nós temos regras para isso, né. Tantas regras que foram, justamente por isso que faço comparações, a primeira coisa que eu gosto de fazer é regulamentar as coisas para depois eu desmanchar, foi assim que eu fiz com o diretor em São João depois. Agora como reitor, primeiro cria as normas, como é que o IFMG cria normas? Com o Conselho Superior, que é a ordem máxima. Aí vou reunir durante a gestão anterior, né, não a minha, acho que teve reunião uma vez ao ano, teve outra que teve duas. E o Conselho Superior é um órgão superior, e eu reúno de dois em dois meses com um calendário previamente marcado com eles, qual a diligência e como isso fala... Também agora com a pandemia nós estamos reunindo de 15 em 15 dias. Assim, eu sempre faço reunião com meus assessores, fazia

reunião com líderes de fala no São João e só não faço com os estudantes porque não tem como, né. Mas, assim, eu fazia sempre, então essas questões, eu, o que estou querendo mostrar é que elas são compartilhadas, os recursos do IFMG são, assim, então, lógico que eu levo minha proposta, elas são levadas e uns gostam outros não, depois geralmente chegam em um consenso, mas se não chegar tem que... E, assim, eu voltando ao que você me perguntou sobre os recursos, os recursos que eram previamente destinadas nunca retirou, então a gente trabalhava nessas possibilidades, às vezes chegavam vagas novas, às vezes chegavam recursos e logo: “aí, olha, fulano foi tanto, para você tanto, para você tanto sem”. Essa questão do dia a dia às vezes...

**Douglas:** Ótimo, e pegando aí o que você comentou, Kléber, de quando você foi Diretor do São João Evangelista, no processo de mudança que você era diretor lá para transformar em IFMG, qual que você considera que foi sua decisão mais difícil naquele período e qual a que você, de certa forma, mais se orgulha, aquela que você considera uma avaliação interessante daquela conjuntura e acabou concretizando o que você imaginava? Então qual foi a decisão mais difícil que você teve que tomar e qual você considerou mais acertada no momento ali da criação do IFMG?

**Kléber:** Estou tentando lembrar algumas aqui, mas vamos de imediato, assim, vamos colocar algumas questões pessoais minhas mesmo, né? O fato de virar, poder vir a ser o reitor de uma instituição e eu que estava ainda mais jovem e cheio de gás, isso me... e ainda mais que o próprio Ministério queria, e os três reitores eram muito próximos deles, muito afim mesmo de pegar o pessoal de Machado, Muzambinho, Inconfidentes, eram uma potência, escolas referência, são até hoje, né. Eu, me subiu muito à cabeça, nessa idade meu interesse era ser o reitor da instituição que estava para mim: “você vai deslanchar essas instituições, que são todas muito similares”. Então essa decisão de ainda assim ouvir a comunidade, porque tinha reitores que às vezes fazia, definia, vai e pronto. Essa minha decisão de ouvir a comunidade e de mostrar para mim que talvez não fosse o ideal a instituição que fica lá em Pouso Alegre, na reitoria que os outros instituíram, isso para mim foi uma lição difícil mesmo, considerando a questão pessoal, né. A questão que eu vi com muitos bons olhos, a amizade que eu tinha com essas instituições e aí eu me vi em uma instituição que não conhecia ninguém, não conhecia realidade nenhuma do CEFET/Ouro

Preto, essas pessoas não sabiam como funcionava nada, nada, nada, foi meio que no escuro. Aí eu, mas eu fui ouvindo pelo consenso da comunidade, pelo fato de ser em Belo Horizonte, eles também tinham uma essência, mas preferimos arriscar, juntar em outros lugares que não tinham nada a ver, na época. Duas, né, depois Bambuí acabou entrando. Pensamos assim, inclusive nós pensamos assim: vamos ser massacrados pelo número de servidores que tinha em Ouro Preto, na instituição e o fato de que o reitor seria de lá. Mas ainda assim aceitamos essa proposta, então, assim, essa foi uma questão difícil. Por outro lado, essa decisão também é, isso que eu respondo a segunda pergunta sua, foi a decisão mais acertada que nós tomamos. Eu imagino que se a gente tivesse lá em... ficaria muito esquisita essa composição lá no Sul de Minas, o crescimento, né? Como é que seria fazer uma instituição desse jeito, São João Evangelista lá no leste e outra lá no Sul de Minas, seria bem complexo, bem complexo uma reitoria lá no Pouso Alegre. Prefiro acreditar que nós tomamos a decisão mais acertada foi essa mesmo.

**Denis:** E bem, essa questão aí de infraestrutura, por exemplo, é, de expansão de campus ou criação de novo *campi*, é, construção de prédio, laboratório, essas grandes empreitadas, assim, como que você percebe, é, como era feito isso nesse momento e também como era passado, discutido, por exemplo, pelo Colégio de Dirigentes?

**Kléber:** Bem, vamos lembrar o seguinte, então, na época da criação propriamente dita do Instituto, a grande maioria dos *campi* era na época o professor Caio, o reitor anterior, e aí eu vou falar como diretor. Então, é lógico, vocês vão ouvi-lo e ele vai poder falar mais propriamente disso. Eu tenho dois campos que foram criados na minha gestão e é o de Arcos e Ibirité, e mesmo assim foram compromissos feitos anteriormente pela gestão anterior, tá, mas foram inaugurados pela minha gestão. Mas, assim, vamos recordar aqui, né, na época que iniciamos com as cinco unidades foi bem anteriormente, e a partir de então começaram a crescer o Instituto, na época o governo crescendo, o país crescendo muito, né, e aí os prefeitos, deputados, parlamentares, correndo atrás pra poder fazer suas instituições. Isso, foram diversos, e o país bombou de pedidos... isso foi acontecendo, cidades, todo mundo querendo e aí os deputados também querendo deixar sua marca e certamente isso aconteceu, né, em uma pressão em cima dos reitores... Então, eu tento me colocar no lugar do reitor que estava. É óbvio que talvez, eu me colocando de fora, eu não teria àquela época criado tantos

*campi* talvez tão próximos uns dos outros, acho que se a gente pegar a região dos Inconfidentes vai ver como os *campi* estão do lado do outros. Assim como falei de Fabriciano e Ipatinga, lembra que falei de Fabriciano e Ipatinga? São coisas que para mim têm uma lógica e a gente sempre tinha um receio que... Eu enquanto Diretor Geral não fazia parte do grupo de decisão e eu muito questionava isso, essa criação dos diversos *campi* sem uma lógica de criação de cursos, e eu participei enquanto representando o Colégio, né, era diretor de São João. E foram de poucas reuniões do Colégio Dirigentes, e nessas reuniões não se levavam a discussão: “olha, nós vamos criar isso, não vamos...”, era uma decisão da gestão, obviamente. Deveria ter uma participação de parlamentar, de alguém do MEC solicitando, mas isso nunca foi levado para: “vamos ou não vamos criar esse campus?” E então eu já entrei como reitor com todos esses *campi* já funcionando, já existindo, mas muitos deles sem nenhuma estrutura. Gente, quando eu resolvi ser candidato no ano de 2015 agora, né, agora da última vez que eu me candidatei, que eu ganhei para reitor, eu fui em Ipatinga, minhas meninas estavam estudando Medicina lá uma época, fui lá no campus, vi aquele prédio lá... Quando eu fui no início de janeiro e eu vi aquele campus com o prédio daquele tamanho, mas do jeito que estava eu falei: “que abacaxi que eu vou arrumar, gente!” E aí depois que eu fui, aí depois como candidato eu saí visitando os campus, fui em Sabará e falei: “nossa, não tem condições do pessoal trabalhar aqui!”. Ponte Nova... Ah, e assim foi, gente, eu rodei cada campus que o pessoal falava assim comigo: “Kléber, olha o que você vai enfrentar!”. E aí na campanha as pessoas me alertaram muito: “Kléber, você tá”... E aí estava começando a crise econômica no País, estava acabando o período... “Você como candidato a reitor você está falando que vai fazer isso, isso e isso...” E graças a Deus, gente! Não sei se vocês conseguem acompanhar, mas o tanto de obras que a gente conseguiu concluir, fazendo esse período, no primeiro ano, no primeiro mandato, foi algo assim que eu não imaginava. E olha que os recursos, gente, nós tínhamos, na época anterior à minha gestão eles recebiam mais de 30 milhões, 2014, 30 milhões de investimentos, em torno disso, eu entrei já no ano de 2016 com 3 milhões de investimento, 10 em andamentos, e aí a partir de então, lógico que a gente conseguiu, nós conseguimos recursos, corremos atrás, mas muitas coisas que a gente conseguiu, nossa, foi reformas das mais... Campus Ipatinga, né, hoje, nossa, foram maravilhosas, Ponte Nova, Sabará, e, assim, Valadares, nossa, muitas, muitas que a gente conseguiu aí, muita obra nesse período, apesar de vacas magras, foi muita obra feita. Então é isso que eu falei, a gente conseguiu muita realização, muita infraestrutura, muita organização nesse primeiro mandato. Acredito que, assim, e aí minha perspectiva desse segundo é justamente isso, é acelerar na parte de pesquisa e extensão, né, melhorar. Mas não foi fácil,

foi campus que eu não entendia a lógica deles porque aquilo um do lado do outro... já estava lá, então não tinha como eu falar: “não vamos ter, vamos parar com isso”, isso você não pensa jamais. Eu acho que a gente precisa consertar, porque ainda tem coisas, melhorias a serem feitas, a gente sabe disso, tem muitos campus que precisam e nós temos aqui os representantes que são dois, o Douglas de São João e o Pablo, se bem que Pablo conhece todos, me parece que a pluralidade de campus, mas é isso, não é fácil não.

**Douglas:** Vamos lá, continuando ô Denis, só para falar rapidinho que eu vou para a 6.12 aqui, porque eu considere aqui, como pegou as respostas eu vou para o outro, beleza?

**Denis:** Tranquilo.

**Douglas:** Kléber, ah, sobre a questão que você até já falou um pouco sobre isso, mas, principalmente das primeiras eleições, quanto para reitor, quanto para os *campi*, e, na verdade, nas eleições de forma geral, você foi, salvo engano, em 3, como é que é, pra reitor, 3 eleições?

**Kléber:** Eu já participei de 6 eleições na minha vida, 3 para diretor e 3 para reitor.

**Douglas:** Exato! Das eleições que ocorreram já no IFMG, quando IFMG e até um pouco das que você sabe, às vezes de *campi* também, o que você... queria que você comentasse um pouco disso, como que acontece isso, eu sei que aqui não existe chapa, né, ou somente dizendo o nome da pessoa, como que se dá essa, às vezes contatos com outros *campi*, a campanha... Você está falando dessas primeiras disputas políticas que surgiram, claro que você diz de forma muito respeitosa, se você pudesse falar um pouco desses processos eleitorais ao quais, de certa forma, de certa forma não, você participou de todos no IFMG, então se você puder falar um pouco desses processos, por favor!

**Kléber:** Tá, todo processo eleitoral, ele é regulamentado. Eu não me lembro de cabeça aqui. Tem as regras, né, que regem ele, e que quem coordena é o conselho máximo da instituição,

no nosso caso, o CONSUP [Conselho Superior], baseado, óbvio, na legislação que tem e dentro daquela legislação faz-se as regras em que, desde que obedeça os princípios, faz-se as regras lá. Então, isso, enquanto a escola agrotécnica... CEFET tinha suas entrevistas, eleições, processos e, como já diz, tem um período que é a lista tríplice depois, né. Agora é apenas o interesse da comunidade, pelo menos para nós enquanto instituto é assim, né. E as universidades são um pouco diferentes, lá ainda tem a lista tríplice, né. No início pôde escolher qual o membro da lista, há uma conversa de mexer nesse processo também, mesmo para instituto e tudo mais. Mas a gente fica receoso com relação a isso, eu acho que... Sou a prova viva do que aconteceu comigo e acho que para a instituição isso é muito ruim se não respeitar aquele processo, né. É, mas então tem esse processo e até mesmo Instituto, gente, não sei se vocês estão acompanhando, mas tem um reitor aí que mesmo com o processo... não foi nomeado, né, e aí diz que é um processo encerrado, não sei o quê, mas tá lá parado, tem pró-tempore lá ainda no Instituto. Espero que isso nunca ocorra no IFMG, mas é um processo que tem isso aí agora. O que acontece então após, você tem um prazo de mandato que é 4 anos de reitor, meu caso, 22 de setembro de 2019 até 2023, então você tem pela legislação, você prevê lá no ano de setembro de 2023, você tem, por exemplo, que deflagrar o processo, o Conselho Superior deflagra esse processo, e no mínimo 180 dias antes do prazo, ou seja, até 23 de março, pode deflagrar o processo, ou seja, o que é, escolher comissão eleitoral, todos aqueles procedimentos, eleição da comissão. Aí a comissão faz aquela parte das regras, tudo aquilo, todos os processos são feitos assim. É importante a participação da comunidade como um todo porque são detalhes, às vezes num processo, em uma regra que... isso pode ajudar ou dificultar o trabalho do candidato, então se a pessoa tem um certo interesse em ser candidato é importante que ele coloque pessoas que sejam pelo menos imparciais na comissão, né. E eu realmente, como sou, participei de muitos processos, fui muito atento a isso, né, de tentar buscar pessoas, colocar pessoas, serem eleitas em uma comissão para que pudesse fazer isso, e, realmente, né, obtive muito sucesso sempre nessas comissões, graças a Deus. Agora, a gente tem, dependendo do processo, dificuldades, né. Igual eu disse, em 2011 foi um processo que para mim gerou grandes dificuldades porque foram permitidos, por exemplo, e nós em 2015 tiramos isso, eu consegui através da comissão que estava em 2015, apesar de que eu não era reitor, mas eu consegui fazer uma comissão eleger pessoas lá onde nós retiramos toda a questão da máquina no processo, pelo menos diminuindo, o que é difícil, a gente ficar com a máquina agora, hoje, às vezes a gente acha que tirou tudo por aqui, que a gente pensa em ser democrático, eu acho que a máquina ajuda, sim, eu sei que sim. Mas em 2011 era muito difícil porque, exemplo, eu, teve campus que eu

não consegui entrar no campus como candidato. Eu entrei aqui na reitoria, gente, no dia, se vocês procurarem, no YouTube tem um vídeo de um debate que eu tentei conversar aqui na reitoria e eles não me deixaram... E depois quando eu voltei em 2015 eles me deram parabéns porque a coisa virou. E aí eu pedi, quando a candidata veio aqui eu falei para eles nunca fazerem isso como o que fizeram comigo em 2011. Em 2011, na reitoria, eu tentava falar e aí eles puseram bottons e não sei o quê e viva ao reitor, o que estava anteriormente, e todo mundo... encheram... e os que ficaram dos meus ficaram do lado de fora. E ficaram dois três meus no bloco, dentro, e uns 50 e tanto deles e, assim, já previamente isso aconteceu, me lembro, em Formiga. Então, assim, foi muito complicado para mim em 2011, a minha penetração nos campi e até mesmo na reitoria para poder ter essa... Até porque a forma como permitia a legislação, das normas internas, dessa divulgação, dessa campanha, isso me dificultou enquanto um concorrente, uma oposição. Então, quando você coloca essa questão do processo, esse processo então ele tem toda a legislação, tem tudo isso, é óbvio que talvez se eu fizesse uma representação, mas a gente sabe que o processo é moroso, você vai fazer uma coisa dessa porque tal pessoa te tratou mal em um debate? Isso não cabe, né? Olha, eu fui candidato, né, quando foi em 2011, eu estou acostumado com algumas pedradas, em 2009 quando eu não fui nomeado... 2009 não, em 99 quando eu não fui nomeado Diretor Geral, eles, além desses processos de lista tríplice, o que eles constaram no processo lá é de que eu era do PT, olha para você ver, ação partidária. Na verdade, no São João Evangelista quando iniciou o processo do Partido dos Trabalhadores, muito antes de 99, 95, 96 sei lá, eu tinha um amigo meu lá e aí eu realmente assinei no PT, só que aí eu já tinha saído em 99. Aí o pessoal deve ter descoberto e aí anexou nessa ficha lá de que eu era do PT e não sei o quê que não podia ser nomeado, mas eu acho que não foi por isso que eu não fui nomeado, não estou lembrando. Mas por que que eu estou falando isso? É porque também quando chega esse processo, assim, 2011, agora de novo, né, sempre tentam te aliar a um candidato ou alguém que pessoalmente alguns não gostam, agora mais recente com Bolsonaro. Mas, em 2011 já foi o contrário, né. Que aí estava, o PT já estava por cima, né, e, assim, a campanha a favor do Lula na época, naquela época, né, era muito favorável, aí tentaram aliar o meu nome ao contrário, na época o prefeito de São João Evangelista era do PSDB, tenho um grande carinho, uma grande amizade por ele, apoiava ele em São João, aí eu já era do PSDB! Isso era um jogo, são jogos que fazem parte da campanha que a gente está, vai lidando, então o processo eleitoral na verdade ele tem tudo isso, não sei se eu estou fugindo um pouco, mas ele tem toda uma questão, das questões que estão previstas legalmente, mas tem que ter

atenção de modo a ter uma comissão que possa preservar aí, pelo menos minimizar o impacto da máquina sobre ou favorecer quem está na situação, isso é óbvio que tem que ser feito.

**Denis:** Perfeito. Agora, já como reitor na administração, né, como que você percebe essa relação entre reitoria e campus? Por exemplo, das decisões da reitoria você percebe uma tendência a assimilação dessas decisões nos campus? E já teve alguma situação assim que houve um impasse, teve que ter um traquejo, uma negociação muito, assim, delicada nos campus, nos locais, né, vamos dizer assim?

**Kléber:** Várias, eu vim de uma reunião de ontem pesada, eu posso afirmar [risos], e olha que eu adoro o Colégio de Dirigentes que é onde eles me dão mais apoio. Se eu estou como reitor reeleito e tudo mais, é justamente por saber como conciliar e saber da importância do Colégio de Dirigentes, tá. Mas ontem eu saí de uma reunião que talvez, eu até possa falar um pouco sobre isso, mas, assim, deixa chegar onde você está falando, então, assim, são várias ações como reitor que você tem que pensar assim, que eu fiz com muito, né. E aí você entra em uma instituição em que você não consegue perceber a lógica da distribuição de cargos ou de recursos, tem que compartilhar, a partir do momento que você vai compartilhar e vai dividir, tentar buscar uma justiça certamente alguém que estava ganhando mais, passa a ganhar menos e aí se esse campus puder entender isso, ele... Não é fácil esses *campi*, não é fácil. Quando a gente entrou aqui, inclusive em São João Evangelista, eu enquanto candidato a reitor, né, eu coloquei em 2015 questões que às vezes tinham perdido... uma CD assim que o professor Caio quando entrou ele retirou, saiu uma CD lá e foi prometido uma CD para São João e tal e saiu e eu falei: “depois a gente volta com ela porque é um direito de São João e tudo”. Achando eu, aí quando entrei, ganhei para reitor, aí eu fui ver, porque a gente não sabia como era dividido essa questão de CD, não existia uma portaria que estabelecesse nada, nem o MEC não tinha, então cada reitor fazia da sua maneira e entrei e fui descobrir. Então a gente percebeu que tinha campus que estava lotado de função, professor de técnico e outros muito aquém, e eu abri o jogo para todo mundo: “olha gente, é assim! É assim? É, é, é. Eu falei, pois é!” Agora nós temos que arrumar os casos daqui porque uns tem menos, aí quem está ganhando mais tem que ganhar menos e aí começamos essa estruturação. Coincidentemente, eu entrei em 2015, em setembro, e essa portaria do MEC que chama 246 ela estabeleceu quais seriam os números de CDS, FGS de professores, de técnicos, para cada

campus, e aí ela não é obrigatória, mas é uma portaria que orienta e como a gente não tinha e, assim, os institutos todos na íntegra acabaram aderindo a ela e nós também como IFMG aderimos a ela, e aí lá estabeleceu quantos para São João, Ouro Preto, Bambuí, Arcos, todos os campus, e aí estabeleceu. Mas, é isso, com isso o que aconteceu, o caso de São João que eu falei com vocês, São João além de eu não quebrar uma para lá, ainda perdeu um CD, estava uma a mais no modelo. E São João: “está acabando de ser reitor e fez isso aí!” Cortei na pele de São João, e cortei muito, por exemplo, em Ouro Preto estava disparado, estava e ainda está, gente! Nós ainda temos até hoje problemas e eu respeito o campus Ouro Preto, ele é importantíssimo para o IFMG, tá, e eu sei das dificuldades que eles têm, mas ainda dentro do modelo, mais de 20 docentes acima do modelo, e os outros *campi* me cobrando o tempo todo: “nós estamos esmagados de aula aqui”, e os outros *campi*. Mas tenho outros exemplos aqui, gente, como que eu estou querendo mostrar é que o fato de a gente precisar mexer para que a coisa tenha uma certa justiça, pelo menos que a gente entenda como justiça, isso desagrada a quem está perdendo. Mas aí a gente vai e fala: “tem que dar pelo menos prazo”. Nós estamos com 5 anos já e ainda hoje temos essas e assim vai... E aí, voltando a reunião do Colégio de Dirigentes ontem... Outra questão, e quem é do IFMG sabe disso, nós temos aí no modelo da Portaria 246, FG1 e FG2, mas tem recentemente recolhidas pelo Ministério da Economia, FG4, FG5, foram recolhidas dos *campi* Ouro Preto, Bambuí, São João, acho que tem Congonhas e Ouro Branco também. Não sei porquê, eles tiveram essa FG, foi na época também que teve... foi anterior, aí nós pegamos e vimos que era um bolo muito grande e novamente muito para Ouro Preto, mas também São João, Bambuí, né. Eu peguei e o campus avançado era uma estrutura que dava até pena do fato, da estrutura, nós fizemos uma proposta com os Pró-Reitores, mostrei para eles: “ô gente, foram recolhidas pelo Ministério da Economia, não está mais no campus, conseguimos na justiça o retorno, agora vamos levar isso no Colégio Dirigente, vamos mostrar para Ouro Preto, Bambuí, São João, que repensem, eles estão com... já tem lá não sei quantas funções para voltar mais, 20 e tantas mais, não sei quantas para São João, vamos repensar de novo umas poucas dessas aqui para o campus avançado”. Já levei uma proposta nesse sentido na reunião de ontem, discuti com os pró-reitores e tal, então os diretores que estavam ganhando, óbvio que precisam mesmo, adoraram, mas aqueles que estavam perdendo quase me bateram, e aí deu. Eu não fechei a questão ontem, não fechamos, até porque o clima ficou pesado, né. Mas, assim, são situações onde eu poderia até levar que seria a maioria no Colégio e pronto, até como reitor eu poderia fazer o que não precisava... mas eu quero amenizar a situação, vamos discutir melhor, vou tentar sensibilizar esses diretores desses campus maiores, a necessidade dos menores... Mas é

uma situação que é o tempo inteiro assim. A pergunta que você fez, a todo momento você vai pensar na instituição como um todo, você sempre vai ter que cortar de um para fazer com que o outro... Não é bem compreendido, e às vezes no campus não chega do jeito que a gente tá falando assim, chega que o reitor fez isso, que o reitor, né... Às vezes, tá, muitas vezes, a gente sabe, né? Não é sempre assim, isso é exceção, mas às vezes é assim que acontece.

**Douglas:** Beleza, ótimo! Kléber, agora para uma questão espacial e até saindo um pouco dessas questões de bem política, né! Quando você pensa no IFMG, quando você ouve falar IFMG, qual o lugar vem a sua mente? Aí, questão material mesmo, questão espacial mesmo, qual lugar que vem a sua mente? Porque enfim, quando fala IFMG, memória espacial, a que te remete?

**Kléber:** Ah, um lugar apenas ou aos 20 lugares? [risos]

**Douglas:** Ahh, a gente está falando de um lugar específico!

**Kléber:** Minas Gerais! [risos] Não, eu acho que, eu não sei qual o intuito da pergunta, né, eu não sei o correto, óbvio que eu tenho um carinho muito grande por São João Evangelista, não sei o sentido, mas, assim, o carinho enorme, eu sou natural de Governador Valadares, mas eu sou coração São João Evangelista.

**Douglas:** Então pode, não cabe a gente explicar o sentido, mas é esse mesmo, tipo falou, “IFMG”, o que te remete?

**Kléber:** É lógico que não adianta a gente dizer que não, eu sou fruto de São João Evangelista, né. Então todo o meu passado, toda minha infância e tudo mais... A gente tem um carinho muito grande, mas eu tenho tentado muito colocar à parte essas decisões, eu sei como pesa em uma decisão, mas você vê a todo o momento citando exemplos em que eu tive que ir contra São João Evangelista e tudo mais. Mas é lógico que eu lembro com carinho de toda a minha passagem por São João Evangelista! Mas, assim, eu tenho muitos momentos

marcantes nos diversos *campi* e na reitoria, né. Então, hoje eu não sei, mas também Reitoria, né! Um local que adoro vir trabalhar então quando eu penso IFMG, eu penso muito na reitoria. Sei lá, cada qual, os *campi*... um prazer muito grande, Bambuí me recebe, assim... Bambuí foi... com uns 18 anos tive em Bambuí, foi logo que eu comecei a trabalhar, eu fui fazer um curso lá em Bambuí, então eu conheci os diretores lá, alguns já faleceram. Ouro Preto, eu passei a conhecer a partir de 2011, 2009, quer dizer, mas também tenho muitos amigos lá. Todos os *campi*, né, então é difícil um local, né? Tem uma ressalva aí de um carinho a São João, mas a que hoje representaria a todos: a reitoria, onde a todo IFMG, representa a todos.

**Denis:** Você já falou mais ou menos para a gente, assim, o que te remete quando se fala do IFMG. Agora, como espaço e tal, eu queria te propor pensar em dois, duas situações, né, um espaço no caso dentro do IFMG que te remete assim a uma.. ao que você consegue identificar como sendo um espaço, lugar, é, uma situação de conforto, né. E é se você consegue falar pra gente claro, você já percorreu mais ou menos, e também se tem algum outro espaço ou local do IFMG que te remete ao polo oposto a uma situação assim de estresse do trabalho, cansaço.

**Kléber:** [Risos] É, o primeiro é mais fácil de falar, né? [risos] O primeiro, tenho vários ambientes, como eu já disse aí, mas, assim, no próprio gabinete, né, eu tenho mais muito mais lembranças positivas no próprio gabinete da reitoria. Não falo nem nos campus, não... Eu também adoro muito o campus São João Evangelista, adoro prática esportiva, então eu gosto de caminhar muito quando vou lá. No campus ali, as pessoas me veem correndo, subo correndo esse morro aí, lá do prédio, né, adoro correr e isso me dá muito prazer, esses momentos marcantes... Talvez eu vou citar mesmo, tem alguns momentos difíceis que eu tenha passado, momentos de debates eles são meio complexos, sabe? Onde às vezes a gente excede e também você ouve questões... Me lembro de momentos marcantes na campanha, por exemplo, de 2011, é, até em São João mesmo, no auditório do São João Evangelista onde eu lá como candidato a reitor do próprio campus e isso foi, a gente fica um pouquinho sentido, minhas duas filhas lá na época, adolescentes, estudando lá, e eu no auditório, o professor Caio era candidato, ele levou a turma levou, a plataforma dele era a questão lá de fechar o setores para os alunos não trabalharem e, assim, ele conseguiu mobilizar muitas vaias para mim, né. E muitos servidores, inclusive, apoiando com bottons dele, e gente de

São João e meus familiares lá, essas questões realmente é, emocionante... [entrevistado se emociona] Mas desculpa, vocês se quiserem podem até cortar.

**Douglas:** Não, sem problemas, toma um tempo e até já mudando um pouco nesse sentido, tem alguma construção no IFMG que te impressiona positivamente? Uma construção que você olha assim que te impressiona positivamente?

**Kléber:** Tomar só uma água aqui, Douglas.

**Douglas:** Tranquilo.

**Kléber:** Construção o quê?

**Douglas:** Te impressiona positivamente, uma construção mesmo, questão material.

**Kléber:** Uhum, uhum, nossa! E tem muitas, viu! Mas, é, o campus o campus Ibirité, acho que ficou muito, muito bonito, tá. Campus Ibirité, é, assim, eu acho que, fora que a construção mesmo, material, porque a beleza dos *campi* agrícola são muito lindos, acho que os *campi* agrícola, não estou falando só... Bambuí também, muito lindo, né! Mas as construções, é, o campus Ibirité tá fantástico, o campus Sabará, acho que todos os que, Ribeirão, Betim, esses campus mais novos, eles... e Ouro Branco com a nova construção, né. Então é difícil você falar qual que se destaca mais. Tá, Ponte Nova, né, apesar de ser estrutura menor, mas também ficou, nossa, muito bacana, Ponte Nova. Assim, é um misto de, assim, acaba que a gente brinca com o campus agrícola, o Léo que é o diretor lá, também está mexendo até com hortaliças e outras coisas lá, mas está muito bom, muito bacana, quem não conhece é importante conhecer Ponte Nova também. Tem muita construção bonita no IFMG, sim. Na hora em que vocês quiserem retornar, foi só um princípio de... e eu estou, tá... Mas assim então se vocês quiserem, eu dou sequência na fala anterior, se quiserem só daquele momento que marcou...

**Douglas:** Ô Kléber, você pode ficar à vontade no seu depoimento, nós estamos aqui justamente para ouvi-lo, então tenha o tempo que precisar e fique à vontade, pode retomar sem problema nenhum.

**Kléber:** E aí o que eu quero dizer é o seguinte, que processo eleitoral machuca a gente entendeu? Então, quando a gente, eu tentei nesse período, é, em São João, por exemplo, Douglas, a gente tenta não ofender as partes ou tenta respeitar e foi uma lição muito difícil para mim porque eu tenho um grupo do Zé Roberto em São João que, assim, me carregou durante a vida inteira, por outro lado, o grupo do Puff também com muito... eu via que era muito potencial e porque eu iria ser contra uma pessoa que sempre foi muito bacana comigo e tudo mais? E a turma com ele também porque eu tenho muitos amigos.

**Douglas:** Uhum.

**Kléber:** Então, nesses processos eleitorais a gente tem que ter muito cuidado porque eles marcam as pessoas e às vezes são pessoas bacanas que se tornam inimigas por uma questão tão pequena, e eles... Tem um debate, um processozinho, ele é complexo porque... Eu, inclusive nesse processo eleitoral agora, alguns podem ter falado assim: “ô Kléber”... Foi a questão de eu não ter querido participar, eu acho que o processo é importante, ele tem que acontecer, sim. No último processo com o professor Artur, em 2015, acho que foi tranquilo, né? Acho que inclusive que o professor Artur saiu melhor que eu. Eu ganhei a eleição mas o professor Artur saiu melhor que eu. Acho que no processo de 2011 eu saí melhor que o professor Caio. De tudo isso, através da experiência do processo ruim que eu tive em 2011, mas no debate eu acredito que eu fui melhor que o professor Caio, apesar de que eloquência, não digo eloquência, porque eloquência é diferente de oratória, apesar da oratória do professor Caio ser boa. Não acredito em eloquência, o Artur era eloquente, agora, o professor Caio tem uma boa oratória. Eu fui mais eloquente que ele em 2011, e em 2015 eu já achei que o Artur foi melhor, só que eu ganhei. As coisas são engraçadas, eu ganhei a eleição e o Artur perdeu e na outra, o Caio ganhou e eu perdi, então são vários contextos. Agora, um debate se você não tiver cuidado no processo eleitoral, ele machuca e deixa marcas profundas. Então, esse processo eleitoral, a gente tem que ter muito cuidado, mesmo porque na ânsia de querermos ajudar, e o contrário também, às vezes machuca as pessoas, faz com

que a gente reaja e fica aquele clima que a gente... Se a gente não tiver um senso, você sai agredindo as pessoas e passando por cima, isso deixa marcas que depois para você tirar é muito complicado. Então é quando você me perguntou um fato, talvez tenha sido lá no campus Ouro Preto, óbvio a gente em determinado local que você vai, aqui na reitoria como eu falei, essas questões tanto positivas quanto negativas, elas ficam registradas e aí você tem que esperar, né. E depois tive momentos ótimos em Ouro Preto, São João, aqui, graças a Deus.

**Douglas:** Talvez então, mas, a questão do lugar é a questão do momento, né?

**Kléber:** Do momento.

**Douglas:** O momento gera mais satisfação e tensão também, muito mais do que o lugar em si.

**Kléber:** Exato.

**Denis:** A gente, fazendo esse percurso aí sobre o IFMG, os institutos federais, para você que percorreu esse, fez esse curso desde como aluno, né, no caso da formação técnica, como aluno, depois como professor, técnico administrativo, depois como professor e depois aí como reitor ou parte da gestão, como você percebe no caso esse o ensino técnico, né, proporcionado pelo IFMG e como que você percebe essa relação entre o ensino técnico e o mundo do trabalho?

**Kléber:** Pois é, talvez eu vou divagar aqui, mas acho que é importante eu falar da minha... acho que talvez uma das... todas as formações elas são importantes, né, mas eu não sei viu, talvez, como ser humano, como preparação para ser humano, a formação técnica talvez tenha sido a mais marcante. Eu acho que a formação no IFMG, a experiência que é, e a gente sai de uma escola estadual em que você tem um período só e vai, no caso, aí São João Evangelista... Mas isso é em todos os campi, tá, com certeza é a mesma realidade, lógico que com pequenas

diferenças, você passa a viver a instituição... Naquela época, lá como aluno do campus, eu estudava então, né, os dois períodos, nós tínhamos aulas teóricas, né, e as aulas práticas. Nos setores, você passa... Eu lidava com pessoas de outros estados, né, mal mal conhecia o pessoal de São João Evangelista naquela idade, e você tem colegas, né. Tinha gente da Bahia que ia estudar em São João Evangelista, colegas de sala, então você conhece outras realidades. Eu sou de uma família de 14 irmãos e acostumado com as coisas de tudo... e você passa a conhecer pessoas diferentes, você vê que as pessoas pensam diferente, são muito diferentes de você, pessoas que, óbvio desde aquela época já se falavam em drogas também, infelizmente, e que às vezes eram colegas meus, e você tinha que saber distinguir as pessoas apesar disso, pessoas boas também. E você criar no meio, ser criado, e estudar no meio de pessoas de mais diversas formas, aprender, eu saí de lá assim, conhecendo melhor o mundo, né? Acho que sim! É, e outra questão que eu vejo, assim, fundamental do curso técnico, é que eu saí muito preocupado em sair um bom técnico, eu, assim, eu tenho que ser um bom técnico porque, assim, eu tenho que ser um bom técnico em agropecuária, tenho que ser... Depois eu vou e faço um concurso para assistente em administração, né. Não tem nada a ver, me formo em língua portuguesa! Então, a partir de então eu pensei assim, eu tenho que ser um bom profissional independente de qual seja minha profissão, talvez por isso que minha formação seja muito diversa, se vocês forem pegar, né, vocês vão ver que eu não fui focando muito na minha formação. Não que eu acho que, é importantíssima, mas, assim, a experiência profissional dia a dia, a vida vai nos ensinando essas coisas... Olha para vocês verem, desde o início, técnico em agropecuária, depois eu vou, faço letras, né, e faço duas especializações na área agrária, na área de licenciatura, metodologia de ensino, depois no mestrado em meio ambiente, o doutorado já em gestão pública, então aí formado em letras, português, aí sou gestor... Na verdade, grande parte fui técnico em administração, docente, então se você misturar, então, aos poucos você tem que ser algo que seja efetivamente bom... Então, acho que sim, talvez o que prevaleça, que eu entendo, assim, na minha vida eu me dediquei muito à gestão, tem sido isso, muito preocupado em saber direcionar as coisas, é importante no papel nosso enquanto gestor o caminho que você dá à instituição, isso é fundamental... Aí, eu não sei se fui claro aí, Denis, tá. Aí nas questões da pergunta que você fez, mas acho que, assim, a formação técnica me deu isso, a princípio eu tenho que ser um técnico agropecuário, depois que eu conhecer a realidade de uma maneira geral, eu tirei isso como, ela me deu uma base onde eu puder ter esse conhecimento maior.

**Douglas:** Ainda nesse sentido, Kléber, que a gente tem lá em 2008 a Lei 11892, que cria os Institutos Federais, e junto da lei uma série de proposições do que seriam os institutos e suas propostas educacionais de forma geral, as suas práticas, e aí quando você analisa o IFMG como que você vê o que foi proposto pela lei e o que vem sendo feito, você vê uma distância grande, uma distância nem tão grande, ou um caminho a ser percorrido ainda? Como você avalia a proposta legal e a prática que nós temos no IFMG?

**Kléber:** Eu acho que nós avançamos muito e vou colocar algumas questões aqui, mas que a gente precisa avançar, precisamos, né, desde... a gente precisa, por exemplo, vamos começar pela questão daquilo que eu falei do Fernando Haddad, priorizava, e eu acho que o espírito da lei é que a gente precisa priorizar, os cursos técnicos, né. Voltando novamente, talvez por eu ter sido um técnico, né? Mas a importância dos técnicos, né, para o Brasil como um todo, eu acho que a valorização... qual é a importância da valorização das graduações, tudo isso aí a gente sabe, é, e aí, por isso, então, que no município, você consegue votos e se busca muita graduação de cursos superiores e por isso então que o IFMG foi crescendo e buscando sempre, assim, na maioria, na expectativa de criação de cursos superiores. Com a implantação do IFMG, essa, a gente vê que a grande maioria da população, infelizmente, pensa. Agora, só que o IFMG, com isso, o que aconteceu, nós temos ainda casos de *campi* que não estão dentro daquilo que prevê a legislação que é no mínimo 50 por cento de cursos técnicos, de alunos dos cursos técnicos, e isso o IFMG, contudo, apenas que o IFMG parece que está atendendo a legislação, mas, é, há uma tendência aí, se a gente for pegar as perspectivas, novos cursos de... Se continuar no ritmo, daqui a pouco, daí para frente, pode ser que não consiga atingir esses 50 por cento dos cursos técnicos, então a gente tem que ter essa visão, não só a questão numérica mas a questão do propósito, da importância dos cursos técnicos e da gente tá direcionando nossas atividades também para os técnicos, né, na nossa formação. Então é isso aí, precisa ser, não perder o foco disso, é importante a gente ficar de olho. Agora, com relação aos avanços, é o que eu falei algumas vezes aqui dessa questão de inclusão social, a gente tem, assim, os alunos que pertencem ao IFMG são a grande maioria, no seu percentual, mais de 1, até no máximo 3 salários mínimos. Quando a gente faz todos esses incentivos que a gente faz, que eles têm como comprovar, sempre a gente tem um número muito grande de alunos que têm condições de ser enquadrados nessa faixa salarial e diferente do que às vezes as pessoas pensam que, muitas vezes acham que por ser federal ela tem mais pessoas que têm condições, pelo menos era no passado, era assim, às vezes em uma

universidade era assim, mas hoje não é a realidade dos institutos, especialmente do IFMG, não é. A grande maioria são pessoas de classe, né menos favorecidas, e com o alcance do IFMG nesses pequenos municípios, não só nos municípios onde estão os *campi*, mas em torno dos *campi*, nesses municípios, né, o alcance do IFMG tem sido muito grande e tem feito uma mudança social muito grande nos municípios, seja através dos estudantes que passam por lá e se tornam futuros profissionais, seja através dos servidores que atuam nos *campi*, terceirizados que geram renda também para a comunidade. Então, assim, diversos trabalhos científicos são feitos para servir como órgãos de estudo pela instituição, nós temos parcerias em diversas prefeituras, né! Todos os *campi* outros, com outros institutos, com universidades, com as mais diversas instituições e acho que isso gera inovação, gera ciência para a sociedade como um todo.

**Denis:** Se deparando com um aluno, por exemplo, fosse dar um conselho para ele, quais as principais vantagens e quais os principais desafios que esse aluno ele teria, né, entrando em um dos cursos do IFMG?

**Kléber:** Pois é, nossa, se você for elencar, né, as vantagens de se estudar no IFMG! É muito de que eu falei, do impacto que eu tive quando eu saí de uma escola estadual e fui estudar em uma escola lá em São João Evangelista. Olha, primeiro, lógico que a formação, você pega os números do IFMG, você vê que nossos alunos a média no resultado de ENEM e tudo mais, a gente está muito bem situado, então, assim, a formação do estudante, né, que sai do IFMG é sempre impecável, a formação de conhecimentos que eu digo em matemática, português, isso aí até pelas avaliações a gente pode perceber, né. Então se você pegar o IFMG nos últimos, nesse último resultado que teve do ENEM, me parece... depois já pode confirmar aqui comigo que em todos os municípios, todas as escolas, poucas nós não estamos em primeiro lugar, isso em determinados municípios ou escola pública mesmo, são os institutos, tá. Tem municípios, nós temos 18 municípios grandes e em todos nós ficamos em primeiro lugar, nós ficamos também, estamos muito bem situados entre os institutos do país, a gente tem, assim, a média. Depois, não é o caso agora, mas... Assim, isso nos deixa muito orgulhosos com relação ao ensino de maneira geral do IFMG. Agora, não só, o que eu quero falar, priorizar, não é isso, não é a questão do ensino propriamente dito, não é da matemática, da química e da física, mas, sim, o ensino que a pessoa aprendeu em uma instituição como essa, são

oportunizadas, além desse conhecimento, dessa vivência com pessoas de mais diversas realidades, realidades sociais, são pessoas diferentes, de outras cidades, além de tudo isso, são oportunizadas atividades esportivas, tantas questões, de música, cada campus com sua diversidade, de música, de dança, nossa, são muitas atividades de extensão que o IFMG proporciona à comunidade. E diz que é somente aos estudantes... Então, assim, entre, minhas meninas, na época, eu poderia ter pago para elas, mas elas estudam, eu estudei lá e minhas duas filhas também, que já estão até formadas em medicina, as duas estudaram no campus e eu poderia, na época, ter colocado em escola particular. E eu falei, não, para a formação total, por mais que a escola particular... mesmo assim não. Eu acredito mais ainda no ensino nosso aqui do campus, mesmo nas disciplinas matemática, português, fora que no contexto como um todo, fora que elas aprenderam como ser humano, então, assim, não me arrependo de forma alguma delas terem estudado lá. Então, assim, seria muito positivo para aquele que vier a ser estudante do IFMG, não somente pelas matérias, né, comuns, como pela vivência, né, pela aprendizagem no dia a dia, a experiência que vai ter com novas pessoas, uma cultura totalmente diferente.

**Douglas:** Beleza! Kléber, como que você avalia a relação entre o IFMG, a comunidade externa e o mundo do trabalho?

**Kléber:** Pois é, essa é uma questão complicada, né, se a gente for pensar, de uma maneira geral, qual transformação social que a gente consegue perceber? Vamos pegar, assim, pega uns institutos assim de renome, Universidade Federal de Viçosa e Viçosa... A gente fica às vezes conversando entre reitores, nós temos um fórum de diretores aqui de Minas, o FORIPES [Fórum das Instituições Públicas de Ensino Superior de Minas Gerais], a gente escuta e participam reitores de institutos, de universidade, e a gente é cobrado, igual eles citaram lá na universidade, em Viçosa, anteriormente a gente conversava.... Mas, vamos pegar Viçosa, como exemplo, a cidade de Viçosa, qual a transformação que você percebe? Uma universidade tão grande quanto aquela, ainda assim uma cidade que, apesar de ser boa, né, Viçosa, que ainda tem esses problemas sociais lá também, então, é, aí fica assim mensurando: “olha, a universidade está aqui, mas a realidade ao redor não se modifica”. Então a primeira impressão que se tem para uma instituição tão importante é de que as vezes a instituição, ela, a relação com a comunidade, ela fica como que fechada, né, parecendo que

é um mundo à parte, né. A gente pega os campi nossos aqui também, as cidades pequenas, né, muitas vezes a comunidade desconhece mesmo o potencial que tem que buscar o campus, buscar alternativas lá... Então, onde que eu quero chegar é o seguinte, acho que é papel nosso enquanto... nós estamos na instituição! Não é fazer com que eles, eles tem que descobrir, é porque muitas vezes a gente estava em São João e o pessoal falava assim, nós, assim, no campus: “ah, mas o pessoal de São João não busca a escola”! Não, eu acho que nós temos que abrir as portas no IFMG e fazer com que eles percebam a importância do que nós podemos fazer por eles e fazer mudar a realidade social. Então é óbvio que a gente precisa avançar muito, Douglas, na abertura e fazer com que a comunidade sinta, que ela também faz parte, que ela pode continuar com a nossa... com o IFMG, até nos dando a política para a gente repensar nossas, as nossas diretrizes, né, os nossos projetos pedagógicos, é, mas, assim, eu acho, né, acredito muito mesmo que a gente avançou, sim, tem avançado através da nossa... Até a Pró-reitoria de Extensão mesmo, com o professor Carlos, vocês também estão atuando aí, esse trabalho é um trabalho de extensão, contar a história do nosso IFMG, isso é importante também para a comunidade e o entorno. Mas, assim, o que eu falei dos pontos negativos, né, que a gente precisa, sim, abrir nossas portas, mas a gente tem buscado, sim, acredito que sim, fazer com que a instituição esteja presente em cada um desses municípios aí e desenvolvendo nosso papel.

**Denis:** Sim, ô Kléber, a gente conversando com você e já sabia também anteriormente, pelo seu histórico, que a sua história de vida ela está intimamente relacionada, né, seja ao campus, né, à escola agrotécnica, ao campus de São João Evangelista, seja ao IFMG como todo, né, pela sua trajetória, né. Você passa desde aluno até agora ao posto de reitor, fazendo aí, você fazendo uma avaliação panorâmica desde o Kléber aluno até o Kléber reitor, como que você avaliaria, por exemplo, essas mudanças institucionais que essa instituição passou, que você passou nesses lugares da instituição, como você avaliaria esse percurso desde lá até aí o posto que você ocupa agora?

**Kléber:** Nossa, são muitas mudanças, Denis, pensar lá naquele micro, lá em São João, enquanto estudante até a hoje, a questão de ser reitor, acho que a essência minha como pessoa é a mesma, lógico, né, mas as mudanças de mundo, de perspectiva, de horizonte, né, a mudança só de eu vir aqui para a reitoria, você já vira outra pessoa, já tem outro diferente

daquele que estava lá em São João com uma visão lá. Você conhece tantas pessoas diferentes, abre um... então, assim, nossa, aquele mundo meu lá como estudante. Vendo, sei lá o que eu naquela época, queria, eu gostava muito de futebol, sempre gostei, acho que eu entrei lá na escola agrícola pensando em ser jogador de futebol, e aí depois já saí de lá... lógico que já inteirado, com outra cabeça. Mas pensando: “ah, vou ser um técnico agropecuário”, e aí vai a coisa, vai, comecei trabalhar, na escola pensando assim. Olha, aí eu sempre... para mim... gostei muito de estudar. “Vou fazer um concurso do Banco do Brasil”, mas fui lá, pensei em curso superior, professor, ainda assim pensando: “será quantos anos que eu vou continuar na escola”, né. Aí sei lá, depois comecei, voltei de Salinas, aí quando voltei de Salinas, voltei com a cabeça mais centrada: é essa instituição que eu quero mesmo para a minha vida. É, sim, mas assim, ainda assim muito diferente daquela instituição, não tem nem comparação. Era São João, meu mundo era ali São João Evangelista, não pensava em outra coisa. Talvez no meu pensamento, né, começando a pensar em ser diretor geral, em fazer algumas mudanças, umas questões lá, coisas básicas que às vezes quem está lá no campus hoje sonha em fazer. Eu tinha meus sonhos que eram anteriores, mas aí você não tem essa visão e aí a coisa vai alargando, depois você passa a ser diretor geral e você já começa a ter outras visões, pensando em CEFET depois, agora instituto, e a coisa vai crescendo e você vai percebendo que ter essa noção é fundamental, e eu tenho um dever e, assim, um compromisso com todos e, assim, o respeito de ser recebido em todos os *campi*, depois começa a pensar no IFMG crescendo, e aí você começa a pensar coisas maiores né. O IFMG, por si mesmo, acho que é muito diferente, né, então é uma sementinha lá em São João que aí vai crescendo cada vez mais.

**Douglas:** Kléber, está dando 3 horas de entrevista, já caminhando para o nosso final.

**Kléber:** 3 horas? Poxa!

**Douglas:** 3 horas! 3 horas e 1 minuto para ser exato.

**Kléber:** Bacana, vocês têm paciência, viu? [risos]

**Douglas:** Bacana, para a gente que é historiador é sempre muito bom escutar.

**Kléber:** É gostoso, viu? Estou tranquilo. Vocês estão conseguindo, porque o Renan sabe, eu não sou muito... eu sou avesso a falar em público essas questões, mas vocês estão conseguindo fazer com que a gente fique à vontade.

**Douglas:** É, e de certa forma você já começou a responder a pergunta que eu iria te fazer que é: o que você achou desse exercício de memória, né, sobre esse percurso histórico da instituição, esse projeto que nós estamos começando, o quê que você acha desse exercício, eu não digo resgate porque é recente, mas de construção de uma memória do IFMG?

**Kléber:** Douglas, assim, de verdade, eu estou, assim, saindo aqui, passou 3 horas, não achei, achei que tinha demorado 1 hora e meia, eu tive um problema recente, você viu até que eu me emocionei, eu tive um problema recente cardíaco, mas foi uma experiência que talvez, assim, eu estou chegando ao final, se eu me emocionar aqui vocês param, tá? Estou chegando ao final da minha, assim, já aposentando e tudo... Acredito que se o Fernando mandar, eu venha me aposentar. Eu não sei o que será da minha vida, não consigo me imaginar fora do IFMG. Nunca fizeram isso aqui que vocês estão fazendo comigo, nunca, então eu estou muito emocionado, e é muito bom. [entrevistado emocionado].

**Douglas:** Pode tomar o seu tempo, fica tranquilo, fique tranquilo, pode tomar o seu tempo sem problema nenhum.

**Pablo:** Ô Kléber, eu vou quebrar o protocolo aqui e dizer que quando a gente começou a estruturar as entrevistas, eu comentei que o decoro, né... Douglas, Denis, né, a gente, eu falei quando ia fazer entrevista que nós tivemos a oportunidade de conviver de 4 anos, né, foram... Eu tive oportunidade de falar isso recentemente, né, Kléber, então 4 anos de uma aprendizado fora do normal. Eu convivi com uma figura humana fora de série, sempre com muita simplicidade, com muita generosidade, muito respeito ao próximo, né. Então eu falei assim, olha eu não vou poder fazer essa entrevista, eu não vou nem aparecer minha cara aqui, senão o Kléber não vai levar o negócio nem a sério. [risos] E o Kléber sabe que eu sou expansivo

demais, né, Kléber? E eu procurei me reservar, mas ele deu vida a essa tarde, não só para você, mas para todos nós foi um passeio maravilhoso. Mas te ouvir é um exercício muito legal, né, de como uma pessoa se dedica a uma causa, né. Eu acho que a gente pode falar sem medo, né, praticamente sua vida toda é atravessada pela luta, a boa educação, de fazer uma coisa bacana, por acreditar em um projeto né, IFMG , a escola agrotécnica, é o seu projeto de vida, né. Você falou com a gente, você começou os seus muros de trabalhos e está encerrando seus muros de trabalhos dentro da educação profissional e tecnológica que é uma coisa raríssima de acontecer, né. E eu queria deixar registrado que, assim, é bacana ter convivido com você esses 4 anos e depois vim ouvindo esse exercício que você fazia na instituição, aos que... Eu já tive oportunidade de te ouvir formalmente, encontrar, né, eu lembro de uma certa oportunidade em que fomos a Bambuí, que foi um exercício bacana que eu vi você e o Flávio conversando sobre o processo de criação de instituições, fora os seus casos que são impagáveis, né, uma vez ou outra... E é uma alegria te escutar, então é isso, eu fico feliz em ver sua emoção e fico feliz de saber que, é, as instituições contam com pessoas como você e sei que tudo que você falou aqui é de coração, né. O Kléber que o pessoal de São João chama de “Binha” né, a gente tem dificuldade às vezes, né, de tá lá na reitoria e chegar: “ô Binha, não sei o que lá”. E eu fico feliz, assim, de saber que o Binha e o reitor Kléber sempre foram a mesma pessoa, todas suas convicções, todas as suas visões de mundo, sua simplicidade, generosidade, elas se casaram perfeitamente ali, né. Então foi muito legal porque, assim, eu vi essa tarde o Kléber e o “Binha”, porque são duas pessoas que conviveram no mesmo ambiente assim. Enfim, eu só queria quebrar esse protocolo para dizer que você marcou 4 anos da minha vida positivamente, eu aprendi muito, eu ainda não deixei de ser aquele acelerado que você dizia: “calma!”

**Kléber:** Você está deixando é sua menina acelerada aí. [risos]

**Pablo:** Pois é, ela está aqui perto do computador. [risos] É uma satisfação, sabe! Começar com esse depoimento foi muito bacana, eu imagino que uma conjuntura dessa... ter oportunidade de fazer uma passagem de vida, né. Talvez seja a primeira vez que você fez... dos seus 17 até a véspera da sua maturidade, fantástica, né?

**Kléber:** Verdade, nossa, muito obrigado pelas palavras!

**Pablo:** Você sabe o carinho que eu tenho por você, eu fiquei lembrando de passagens curiosas, dessa eleição de 2015 e o que você fez por mim nessa passagem de no processo de resgate. [risos]

**Kléber:** Não fiz nada mais do que você merecia, com certeza.

**Pablo:** Mas, Kléber, eu sou muito grato e principalmente pelo bom aprendizado, foi um aprendizado divertido, como eu sempre falava. [risos]

**Kléber:** Aprendemos mutuamente, mas vamos correr muito juntos ainda, se Deus quiser!

**Pablo:** Ô! No sentido literal dessa palavra aí!

**Kléber:** [risos]

**Pablo:** Em potência e ato.

**Denis:** Bom, Kléber! Mais uma vez, né, em nome do Centro de Memória, a gente só queria te agradecer, agradecer pela disponibilidade aí da entrevista, por se abrir, falar para a gente da sua trajetória e por permitir a gente conhecer um pouco mais dessa instituição e também da relação que você teve de vida e o seu percurso nessa instituição, nessa sua história marcada aí na própria instituição e permitindo a gente conhecer isso, né, nessa humildade, né, e riqueza de detalhes que você trouxe aí para a gente. Então a gente só agradece você e a gente abre aí se você tem mais comentários a fazer, algumas questões que você, que a gente, de repente, perdeu, não colocou aí da melhor forma na pergunta. Se você quiser fazer mais comentários, você fica aberto aí, pode ficar à vontade.

**Kléber:** Então tá bom, primeiro, lógico, né, quero parabenizar a vocês, vocês 4 aqui, lógico que estão conversando comigo, mas não só vocês 4, né, a diretoria lá do Flávio, o Pró-Reitor Carlos Bernardes, toda a equipe responsável por esse trabalho, tá. Eu quero dizer que eu tenho muita expectativa desse trabalho que vocês estão realizando. A mais tempo, eu conversando com o Pablo a importância disso para a gente, em paralelo, a gente se soubesse a importância desse trabalho... E, bem, eu espero que efetivamente vocês possam ouvir as pessoas, saber a importância de cada um na construção do IFMG, né, eram pessoas muito importantes na construção aqui, cada qual construiu da forma que entendeu naquele momento era o melhor para o IFMG; sejam respeitados, acho que todos, sejam pela sua forma de ser, e são pessoas que às vezes estão representando toda uma comunidade, né. Mas, assim, o IFMG é e foi feito por todos nós, todos, reitor, diretores, pró-reitores, professores, técnicos, que muito ajudam. Porque a gente não pode perder isso de vista, infelizmente, um documento você não consegue fazer o resgate de todos aqueles que foram importantes para a construção de cada um do IFMG, vocês têm que realmente tentar selecionar, o critério fica a cargo de vocês, uma questão complexa de se definir o porquê se entrevistar alguém ou não. Mas, assim, acho que a forma como vocês conduziram comigo, nossa, foi muito e eu falo e reforço, né, eu não tinha passado por uma experiência assim ainda, não, e me emocionei, desculpa aí, fica à vontade, corta o que vocês acharem, o que quiserem, eu tenho plena, tudo aquilo, né. Eu só não gostaria que minhas palavras soassem mal para qualquer um, que às vezes a gente comenta, precisa de comentar algo que ficou marcado para mim e às vezes possa ressentir em alguém, tá, magoar alguém, então jamais quero transmitir isso. Mas, assim, vocês têm liberdade até naqueles momentos em que eu fui até mais ríspido, vocês têm total liberdade, não falei nada de mentira nem nada, só não queria magoá-los nesse sentido, não. Acho que é isso, tá. Vocês estão de parabéns, nossa, eu quero ver o fruto desse trabalho aí, tá! Muito bom mesmo!

**Douglas:** Kléber, então novamente nosso muito obrigado, muito obrigado mesmo! Como eu disse aí, estamos caminhando para três horas e quinze de entrevista e em momento algum houve algum tipo de enrolação nem nada, você foi em tudo, informação mesmo, você resgatando a memória da instituição, resgatando a sua memória, durante todo esse período que você passou. Então, né, chegou até a se emocionar durante esse percurso, o que só demonstra que, né, de fato foi algo que teve apelo, né. Foi uma entrevista que teve um apelo interessante, portanto muito, muito obrigado mesmo! Em nome da equipe, ratifico aqui o

pedido se você autoriza, né, agora, porque uma coisa é você pedir autorização no início da entrevista. Ao término da entrevista é mais honesto até. Você continua autorizando que nós usamos o conteúdo da entrevista? E de novo nosso muito obrigado.

**Kléber:** Autorizadíssimo! Muito obrigado! Muito boa tarde! Então nos despedimos aqui?

**Douglas:** Despedimos.

**Pablo:** Nobre abraço, querido.

**Lívia:** Agradeço ao Kléber pela disponibilidade, pela história, foi muito bom poder escutar você e com certeza vai ajudar muito a gente a construir a história do IFMG e para o Centro de Memória.